



DESCOBERTAS RECENTES
DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA
CONFIRMAM A VERACIDADE
DO LIVRO SAGRADO.

Novidades da Antiguidade

Ano 78 - Nº 842 - €1,90



1 646188 617075

06 "MOVIDOS PELA ESPERANÇA"
Foto-reportagem da XIXª Assembleia
da UPASD.

22 SERVIÇO FIEL
O segredo do sucesso evangelístico.

26 O CICLOS ECONÓMICOS E A PROFECIA
A contribuição da Economia para o estudo
da profecia.

“A SAÚDE É UM GRANDE TESOURO. É A MAIS VALIOSA POSSE CONCEDIDA AOS MORTAIS. RIQUEZA, HONRA OU CULTURA CUSTAM MUITO CARO, SE FOREM ADQUIRIDAS A EXPENSAS DO VIGOR DA SAÚDE. NENHUMA DESSAS CONSECUÇÕES PODE TRAZER FELICIDADE, SE NÃO HOVER SAÚDE. É UM TERRÍVEL PECADO ABUSAR DA SAÚDE QUE DEUS NOS DEU; POIS TODO O ABUSO DESSA NATUREZA DEBILITA A NOSSA VIDA E CONSTITUI UM PREJUÍZO, MESMO QUE OBTENHAMOS TODA A EDUCAÇÃO POSSÍVEL.”

ELLEN G. WHITE, *CONSELHOS SOBRE EDUCAÇÃO*, P. 20.



**VIVER MAIS
A ESPERANÇA**

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Amorim

Diretor de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

E-mail revista.adventista@pservir.pt

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico

Sara Calado

Diagramação

Rita Mendes

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel.: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel.: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento MDI – Design e Impressão

V. N. Famalicão

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustrações da revista © Adobe Stock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

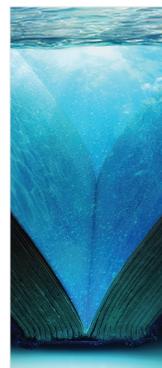


REPORTAGEM

06

"Movidos pela Esperança"

Imagens e factos da XIXª Assembleia da UPASD.



EVANGELISMO

22

Serviço fiel

Frequentemente ouvimos a seguinte afirmação: "O evangelismo é difícil na América do Norte e na Europa e fácil em África." Será mesmo assim?



PROFECIA

26

Os ciclos económicos e a profecia

A convergência de ciclos proféticos e económicos aponta para o fim dos tempos. Conheça a relevância dos Ciclos de Kondratieff para a interpretação profética.

04 DESPERTAR PARA UMA ENTREGA TOTAL À MISSÃO EDITORIAL

05 CALENDÁRIO / BANCO DE LEITURA

18 NOTÍCIAS NACIONAIS

20 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

12 NOVIDADES DA ANTIGUIDADE > ARTIGO DE FUNDO

Vamos conhecer algumas das mais recentes descobertas arqueológicas no Médio Oriente e ver como elas auxiliam na confirmação e compreensão da Palavra de Deus.

24 A MÃE DO FILHO PRÓDIGO > DEVOCIONAL

Apenas recentemente é que eu percebi que o nosso Salvador nunca menciona a mãe do filho pródigo.

31 O FEDOR DA TRAIÇÃO, O AROMA DO PERDÃO > BÍBLIA

Venha comigo para junto de um fogo de carvão aceso por Jesus! Ele tem uma mensagem para si!





Despertar para uma entrega total à missão

Os acontecimentos recentes no nosso país estão marcados pela destruição repentina e inesperada causada pelos incêndios. Mais de 60 pessoas perderam a vida envoltas num turbilhão de fogo enquanto tentavam desesperadamente encontrar uma saída para esse inferno. Centenas perderam as suas casas, os seus bens ou os seus animais. O nosso coração sofre de tristeza e as nossas orações solidárias intercedem junto a Deus pelos familiares enlutados e pelas famílias que perderam os seus bens, entre as quais se encontram membros da nossa Igreja.

Coisas que falam

Na Bíblia encontramos a imagem de estilo que consiste na personificação de elementos inanimados (antropomorfismo) para reforçar a necessidade e a urgência do cumprimento da missão dos filhos de Deus. Esta missão de todo o discípulo de Cristo consiste em ter uma ação dinâmica de se aproximar do seu próximo (“Ide”) para o levar a tornar-se num novo discípulo de Cristo (Mateus 28:19 e 20). Cada membro de Igreja é, assim, um portador da Palavra, da esperança e de salvação.

A Natureza que geme (Romanos 8:19-23)

Toda a Criação geme juntamente com a Humanidade, consequência dos efeitos do pecado. O pecado cria desordem no Universo e perturba o desígnio original de Deus para a Sua Criação. A Criação e as criaturas não humanas gemem de dor e, por causa do seu sofrimento, gritam aos crentes no Evangelho para que se manifestem. Esta manifestação absoluta terá lugar na vinda de Jesus Cristo e na restauração final do desígnio eterno do Criador de ter um Universo em absoluta harmonia. Para chegar a esta libertação absoluta e eterna, os gemidos atuais que exprimem o sofrimento da Criação e das criaturas pressionam os discípulos de Cristo a manifestarem-se já hoje, através de um envolvimento pessoal na preparação dessa “bem-aventurada esperança” (Tito 2:13).

As pedras que falam

Os Fariseus tentaram fazer com que Jesus repreendesse os Seus discípulos por estarem a cumprir a missão de anunciar o Evangelho de salvação (Lucas 19:38). Jesus respondeu-lhes que, se estes se calassem, até as pedras falariam.

A arqueologia bíblica dá voz às pedras que falam. Estes destroços de cidades antigas e os vestígios de acontecimentos relatados na Bíblia confirmam a veracidade da Bíblia e dos seus ensinamentos. Esta confirmação dos factos reforça a certeza das mensagens bíblicas que lhes estão associadas. A confirmação de factos passados reforça a verdade dos acontecimentos proféticos.

Estes “sinais” passados e presentes revelam-se no aumento da frequência e da intensidade da dor causada pela desordem que afeta a Natureza e as áreas da ação humana, como a economia, os relacionamentos ou a política (I Timóteo 3:1-5). Estes sinais encorajam os discípulos de Cristo a viverem plenamente o Evangelho e a sentirem a urgência e a responsabilidade de partilhá-lo com os outros. O envolvimento fiel de cada discípulo de Cristo atual contribui, assim, para o resgate da Criação através de um movimento missionário exponencial de discípulos que fazem discípulos. “Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios” (I Tessalonicenses 5:6). ✦

Pr. António Amorim
Presidente da UPASD

CALENDÁRIO UPASD



DIAS ESPECIAIS

Julho

01	Dia de Jejum e Oração e Colportagem Jovem
02-29	Formação de Promotores de Saúde
07-11	Acampamento Logos
13-16	Acampamento Nacional de Rebentos
22	Sábado da Criança
23-30	Acampamento Nacional de Tições

Agosto

01-05	Congresso Internacional de Jovens
01-09	Acampamento Nacional de Desbravadores
10-20	IMPACTO
10-20	Acampamento de Famílias
21-31	Acampamento Nacional de Companheiros e Seniores
26	Dia do Evangelismo Leigo Dia da Não Violência Doméstica

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



Julho

03-07	Casa Publicadora Romena (RU)
10-14	Seminário Teológico de Sagunto
17-21	Associação de Berlim e Alemanha Central (NGU)
24-28	Publicadora SerVir (PU)
31-04/08	Associação do Norte do Reno e da Westfália (NGU)

Agosto

07-11	Seminário Teológico de Sófia (BU)
14-18	União Checo-Eslovaca (CSU)
21-25	Universidade Adventista de França (EUD)
28-01/09	Associação do Sul de França (FBU)

PRESENÇA NOS MEDIA



ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2 a partir das 15:30h // ANTENA 1 a partir das 22h47

17/07	segunda-feira	07/08	segunda-feira
27/07	quinta-feira	28/08	segunda-feira

CAMINHOS

RTP2, às 10h30 // ANTENA 1, a partir das 06h00

27/08	domingo
-------	---------

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.



BANCO DE LEITURA

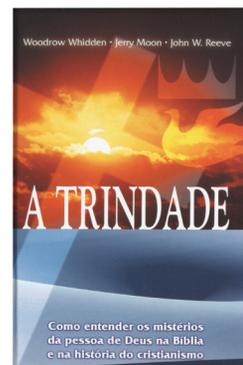
A Trindade

Woodrow Whidden, Jerry Moon e John W. Reeve

Nos últimos anos surgiu no seio da Igreja Adventista do Sétimo Dia uma nova polémica teológica. Esta polémica centra-se na rejeição da divindade de Jesus e da personalidade do Espírito Santo, sendo um ataque frontal à doutrina Adventista da Trindade. Este movimento antitrinitariano tem feito algumas vítimas entre nós. Assim, convém que cada Adventista esteja bem ciente dos sólidos fundamentos bíblicos em que assenta a nossa doutrina sobre a Trindade. Ora, o livro que lhe quero recomendar este mês, caro Leitor, foi escrito para tornar clara a posição bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre a Trindade.

Esta obra está dividida em quatro secções. A primeira apresenta as evidências bíblicas sobre a plena divindade de Cristo e sobre a personalidade do Espírito Santo. São também respondidas aí as objeções bíblicas e lógicas avançadas pelos antitrinitarianos. A segunda secção discute a história da doutrina da Trindade de 100 a 1500 d.C.. Esta secção é importante porque analisa os debates trinitarianos que abalaram a Igreja Cristã no quarto século. A terceira secção apresenta a história da doutrina da Trindade desde a Reforma até ao movimento Adventista. Esta secção tem um importante capítulo sobre "O papel de Ellen White no debate da Trindade" e um suplemento ainda mais importante que apresenta as citações cruciais de Ellen White sobre a Trindade. Finalmente, a quarta secção desta obra expõe-nos as implicações da doutrina da Trindade para a prática e o pensamento cristãos, mostrando que não se trata de um assunto sem consequências para a fé. Pelo contrário, fica claro que abandonar a doutrina da Trindade não só é antiescriturístico, como resulta numa distorção de aspetos cruciais da fé cristã revelada na Bíblia.

Esta obra recomenda-se a si mesma, não apenas pelo rigor e pela clareza do seu conteúdo, mas também pela autoridade académica dos seus três autores, todos eles professores da Universidade de Andrews. Trata-se de uma obra de grande fôlego e de grande alcance teológico, que deveria ser lida por todo o Adventista do Sétimo Dia que deseja estar bem fundamentado na sua fé e ser capaz de dar a razão dessa mesma fé. Assim, caro Leitor, não hesite em adquirir esta obra. Com as suas 330 páginas plenas de verdades bíblicas cruciais, ela justifica plenamente o seu preço. ✎



Paulo Lima

Editor da Revista Adventista

Movidos pela Esperança



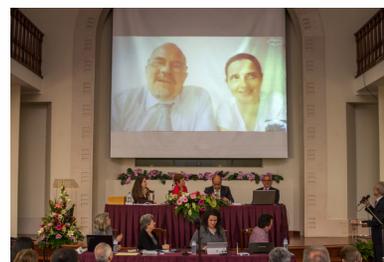
De 26 a 29 de abril realizou-se a XIX^a Assembleia de Comunidades da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia. Durante os primeiros três dias, os trabalhos decorreram na igreja Central de Lisboa. No quarto dia houve lugar à realização de um programa de celebração espiritual na Aula Magna da Universidade de Lisboa.

Os trabalhos da Assembleia

Os três dias de trabalhos (26 a 28 de abril) foram intensos e animados. Tivemos entre nós, durante este período, o Pr. Mário Brito, Presidente da Divisão Inter-Europeia (a que pertence a nossa União), e o Pr. Rainer Wanitschek, Secretário Ministerial e Diretor dos Ministérios da Família da Divi-

são Inter-Europeia. O Pr. Mário Brito dirigiu o funcionamento da Comissão de Nomeações e o Pr. Rainer Wanitschek liderou os trabalhos da Comissão de Credenciais.

O funcionamento da Assembleia foi ordeiro e guiado pelo Espírito Santo. Pela primeira vez utilizou-se o voto eletrónico para a eleição dos oficiais



Pr. António Amorim, Presidente da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, e esposa, Pr.^a Irene Paula Amorim.

que iriam reger os destinos da União durante este novo quinquénio. De facto, cada delegado foi munido de um pequeno aparelho eletrónico semelhante a uma calculadora de bolso, e foi recorrendo a esse dispositivo que foram realizadas as eleições dos oficiais. Ficou patente a vantagem de assim proceder, pois poupou-se tempo na distribuição e recolha



Pr. Mário Brito, Presidente da Divisão Inter-Europeia.



Pr. Rainer Wanitschek, Secretário Ministerial e Diretor dos Ministérios da Família da Divisão Inter-Europeia.



Dr. Paulo Sérgio Macedo, Diretor do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da UPASD.



Pr. Lowell Cooper, antigo Vice-Presidente da Conferência Geral.



Aparelho eletrônico utilizado na votação das eleições dos oficiais.



Quarteto de Cordas juvenil.

dos votos e garantiu-se uma perfeita exatidão na sua contagem.

Para além das eleições dos oficiais para o presente Quinquénio, também foram votados os relatórios da Administração e dos Diretores de Departamentos e de Serviços. No entanto, estas votações foram feitas pelo método tradicional de braço levantado. Durante a apresentação dos relatórios houve uma boa participação dos delegados, sendo as intervenções sempre marcadas por um espírito construtivo e objetivo.

Os momentos de meditação espiritual

Mas a XIXª Assembleia não foi apenas marcada pelos trabalhos administrativos. Houve também fortes momentos de reflexão espiritual. O orador convidado para dirigir os momentos de meditação espiritual foi o Pr. Lowell Cooper, antigo Vice-Presidente da Conferência Geral. Estes momentos de meditação aconteceram na noite de 26, na manhã do dia 27 e na manhã e na noite do dia 28. Todos eles tiveram como ponto de partida o mote da Assembleia: “Movidos pela Esperança.”

A meditação da quarta-feira, 26 de abril, teve por tema “A razão para a esperança”. O Pr. Cooper mostrou, usando a história de Jonas, que o caráter moral do nosso Deus é a nossa maior razão para termos esperança. A meditação de quinta-feira, 27 de abril, teve por tema “A garantia da esperança”. Nesta reflexão o Pr. Cooper fez-nos ver que o ministério do Espírito Santo no interior da Igreja de Deus é a nossa garantia de que podemos ter esperança. O Espírito Santo guia-nos e transforma-nos para que sejamos cheios de esperança. A meditação de sexta-feira, 28 de abril, teve como tema “O povo da esperança”. O Pr. Lowell Cooper falou sobre a organização e a missão do povo

de Deus, mostrando que a Igreja Adventista do Sétimo Dia deve ser um movimento que partilha a esperança com a Humanidade.

A receção às Autoridades

Na quinta-feira, dia 27 de abril, pelas 17h30, teve lugar a cerimónia de receção às Autoridades e a apresentação dos novos Oficiais da UPASD. Estiveram presentes, como visitas, o Dr. José Eduardo Vera Jardim, Presidente da Comissão de Liberdade Religiosa; o Dr. Fernando Soares Loja, Vice-Presidente da Comissão de Liberdade Religiosa; o Dr. Pedro Calado, Alto-Comissário para as Migrações; Ivone Félix Correia, da Comunidade Bahá'í de Portugal; Isaac Assor, da Comunidade Israelita de Lisboa; o Padre Ricardo Ferreira, da Igreja Católica Apostólica Romana; Madhusudan Mohan, da Comunidade Hindu de Portugal; o Élder Joaquim Moreira, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; o Padre Fernando Sampaio, Coordenador do Grupo de Trabalho Religiões-Saúde; e o Dr. Miguel Jerónimo, da Sociedade Bíblica de Portugal.

A cerimónia começou com algumas palavras de boas-vindas às entidades presentes, proferidas pelo Dr. Paulo Sérgio Macedo, Diretor do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da UPASD. Um Quarteto de Cordas juvenil abrilhantou a cerimónia, interpretando uma ária de *O Messias*, de Handel, intitulada “For Unto Us a Child is Born”. Seguiu-se a apresentação de um vídeo sobre o Movimento Adventista em Portugal. O Pastor Mário Brito, Presidente da Divisão Inter-Europeia, fez a apresentação dos Oficiais eleitos para o mandato de 2017-2022. O Pastor Artur Machado fez uma pequena apresentação aos visitantes sobre o tema da Assembleia – “Movidos pela Esperança”. Foi, depois, a vez

do Dr. José Eduardo Vera Jardim nos falar sobre os traços marcantes que definem a Igreja Adventista do Sétimo Dia, nos campos da liberdade religiosa e da promoção da paz. Em seguida, o Dr. Pedro Calado teceu algumas considerações sobre o diálogo dentro do grupo de trabalho inter-religioso e agradeceu a harmonia existente, desejando que ela se mantenha. O Padre Fernando Sampaio, Coordenador do Grupo de Trabalho Religiões-Saúde, agradeceu o convite e saudou os novos Oficiais da UPASD, que têm a missão de continuar a desenvolver o excelente trabalho realizado até agora. Congratulou-se com a presença da nossa Igreja no Grupo de Trabalho.

Como ponto alto desta cerimónia foi entregue a cada um dos nossos estimados convidados uma bolsa com o logótipo da Igreja Adventista do Sétimo Dia, contendo uma caixa com uma Bíblia de Estudo Andrews e uma caneta. O programa encerrou com o “Pai Nosso”, cantado pela irmã Ana Amado, acompanhada ao piano pelo irmão Fernando João Domingos.

Tomada de posse do Pr. António Amorim

Na manhã de sexta-feira, dia 28 de abril, realizou-se por vídeo-con-

ferência a tomada de posse do Presidente eleito, o Pr. António Amorim, que se encontrava na Guiana-Francesa, ao serviço da Divisão Inter-Americana. Nesta vídeo-conferência, dirigida pelo Pr. Mário Brito, Presidente da Divisão Inter-Europeia, o Pr. Amorim e a esposa, Paula, manifestaram publicamente a alegria que este chamado lhes trouxe. Ao aceitar o convite que lhe foi feito, o Pr. António Amorim tornou-se no novo Presidente da nossa União.

A cerimónia de ordenação ao ministério pastoral

Na noite de sexta-feira, 28 de abril, pelas 21h00, realizou-se uma cerimónia de ordenação ao ministério pastoral. Foram, assim, ordenados dois jovens pastores: O Pr. João Catarino e o Pr. Luis Ferreira. Depois da apresentação de cada um dos candidatos, todos os Pastores ordenados presentes na nave da igreja Central de Lisboa subiram à plataforma da tribuna, ajoelhando-se ao redor dos candidatos e impondo-lhes as mãos. O Pr. Mário Brito proferiu a oração de consagração. Depois, os dois novos Pastores ordenados receberam os cumprimentos de todos os presentes. Antes de terminar esta reunião, foram também homenageados dois Pastores que assumiam

o novo estatuto de Pastor Emérito: O Pr. Rogério Fernandes e o Pr. Ilídio Carvalho.

O programa na Aula Magna

A XIXª Assembleia da UPASD culminou no programa espiritual realizado na Aula Magna da Universidade de Lisboa. De manhã tivemos os serviços da Escola Sabatina e do culto divino. A revisão da Lição da Escola Sabatina ficou a cargo da Pastora Hortelinda Gal. O sermão foi pregado pelo Pastor Lowell Cooper. Os momentos solenes do culto foram abrihantados pela atuação de um coro de adultos e, pela primeira vez, de um coro Infanto-Juvenil.

Durante a parte da tarde, houve um animado programa espiritual. É de destacar a auscultação que foi feita a uma dezena de membros leigos, representativos da Igreja em Portugal. A cada um foi colocada uma pergunta sobre como viam o futuro do Movimento Adventista no nosso país. O coro Infanto-Juvenil voltou a atuar, dando uma nota de brilhantismo ao programa.

Assim se encerrou a XIXª Assembleia de Comunidades da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia. ✦

Redação PSeVir





Coro Nacional Infanto-Juvenil



Pr. Artur Machado



Vista da Assembleia na Igreja de Lisboa Central



Programa de Sábado de Manhã realizado na Aula Magna em Lisboa



JOALDI – Maestro



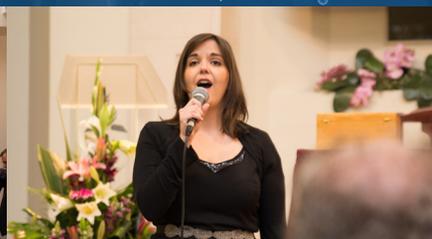
Joana Curado – Apresentadora



Programa de Escola Sabatina Infantil moderado pelo Pr. Edgar Justino



Cerimónia de Ordenação ao Ministério Pastoral



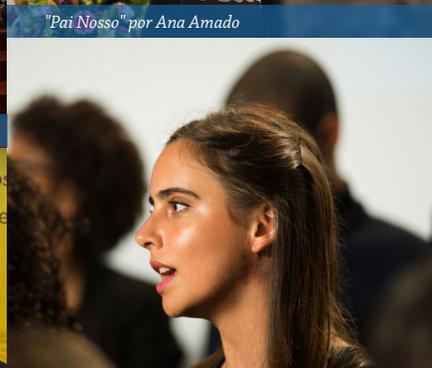
"Pai Nosso" por Ana Amado



Estátua Viva – Sandra Gomes



Saída Missionária "Amigos pela Saúde" – Distribuição de Disco de IMC



Roberta Vieira – Membro do Coro



Membros da Assembleia



Comissão de Nomeações



Catarina Peixoto – Violoncelista da Orquestra

ORGANIGRAMA DA UPASD

ADMINISTRAÇÃO

Presidência



Pr. António Amorim

Tesouraria



Dr. Rui Filipe Dias



Pr. António Carvalho

Secretaria

ASSOCIAÇÕES

Ministerial



Pr. Daniel Vicente



Ana Vicente

Famílias dos Ministros do Culto

ÁREAS DEPARTAMENTAIS / DEPARTAMENTOS

Comunicação



Pr. Jorge Duarte

Evangelismo, Escola Sabatina e Ministério Pessoal



Pr. Pedro Esteves

Jovens



Pr. Dário Santos



Dr. Paulo Sérgio Macedo

Educação



Pr.ª Maria da Luz Cordeiro



Pr.ª Irene Paula Amorim
Diretora dos Ministérios da Mulher e da Criança

Família

SERVIÇOS

Capelarias



Pr. Artur Machado

Espírito de Profecia



Pr. Ezequiel Quintino



Pr. Pedro Esteves

Música e Liturgia

Mordomia



Pr. Daniel Vicente

Saúde e Temperança



Pr. Daniel Bastos



Dr. Paulo
Sérgio Macedo



Artur Guimarães

Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos

Publicações

DIRETORES DE REGIÃO

RE Norte



Pr. Edgar Justino

RE Centro



Pr. Paulo Neves

RE Lisboa e Vale do Tejo



Pr. Jorge Machado

RE Alentejo e Algarve



Pr. João Catarino

RE Madeira e Açores



Pr. José Lagoa

Os meios de comunicação têm trazido notícias nada agradáveis do Médio Oriente. A região parece mergulhada num caldeirão de sangue e violência sem fim. Vidas humanas são afetadas, sonhos destruídos e até a Arqueologia sofre danos irreversíveis.

Por que razão precisamente este lugar, escolhido por Deus para ser palco da história bíblica, se transformou numa das regiões mais instáveis do mundo? Além dos fatores geoestratégicos, como a luta pelo controlo do petróleo,

Novidades da Antiguidade

RECENTES DESCOBERTAS DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA CONFIRMAM A VERACIDADE DO LIVRO SAGRADO.

e as rivalidades étnico-religiosas, é possível sugerir que Satanás também concentra a sua atenção neste pedaço da Terra. O seu intuito seria destruir não só o conteúdo, mas o próprio contexto histórico da Palavra de Deus. Por outro lado, a providência divina atua igualmente para que dos escombros brilhem novos raios de luz que iluminem o texto sagrado.

Foi o que aconteceu recentemente no Iraque. Depois de o Estado Islâmico ter destruído o santuário de Nabi Yunus, considerado o túmulo do profeta Jonas pela população local, tropas iraquianas fizeram uma prospeção para intercepar os túneis que os terroristas tinham escavado. Qual não foi a sua surpresa ao encontrarem, debaixo do santuário, estruturas que os arqueólogos acreditam ser possivelmente parte do palácio de Ezar-Hadom, rei da Assíria, mencionado na Bíblia e que teria reinado no lugar de Senaqueribe, seu pai (II Reis 19:37; Isa. 37:38).

Inscrições cuneiformes encontradas nas paredes indicam ter sido esse o palácio do rei. De facto, tanto a Bíblia como a História dão testemunho desse monarca, que dali governou o mundo há mais de 2600 anos (Esdras 4:2).

Vamos conhecer algumas das mais recentes descobertas no Médio Oriente e ver como elas auxiliam na confirmação e compreensão da Palavra de Deus. Universidades e académicos Adventistas também participaram em alguns destes achados.

Do lixo para o museu

O lugar do antigo templo de Jerusalém está hoje ocupado pela Cúpula da Rocha, pela Mesquita Al Aqsa e pela Esplanada dos Muçulmanos. Por razões políticas, o local nunca foi escavado

por nenhuma equipa arqueológica. Assim, ainda existem muitos mistérios sobre aquela área tão importante para as três religiões monoteístas do mundo.

Contudo, em 1999, os próprios Árabes conduziram uma escavação ilegal, tendo em vista reformar uma parte do Monte do Templo, e despejaram num terreno exterior toneladas e toneladas de escombros que certamente poderiam conter tesouros arqueológicos.

Gabriel Barkay e Zachi Dvira, famosos arqueólogos israelitas, começaram então um trabalho de peneiramento dos escombros que já dura há 12 anos. Com a ajuda de estudantes e voluntários, eles encontraram mais de 5000 moedas, ornamentos, estatuetas, pontas de flechas e outros elementos que fazem parte da história do templo desde os tempos de Salomão até aos dias de Jesus.

Entre os achados, alguns são de valor inestimável. Há poucos meses, um dos voluntários encontrou uma antiga impressão de selo. Era, na verdade, um laque de argila, comumente usado para fechar cartas ou documentos oficiais. Designadas *bullae*, estas impressões contêm o nome da autoridade que lacrou o documento. Por serem muito pequenas, podem facilmente desaparecer no meio dos torrões de terra que saem do solo. Encontrar uma destas *bullae* é motivo de muita celebração.

A impressão encontrada continha letras hebraicas que, no nosso alfabeto, corresponderiam a *LYHW* e *'AMR*. Embora a frase original esteja incompleta, é possível que corresponda à fórmula comum: “Pertencente a [...] *yahu*, filho de Immer.” Ora, Immer ou Imer é o sobrenome de uma conhecida família sacerdotal, cujas raízes vêm desde os dias de David (I Cró. 24:14). Os seus

descendentes são mencionados em Esdras 2:37; 10:20; e Neemias 3:29; 7:40; e 11:13 e 14. Um deles, em especial, aparece citado na trama feita para silenciar o profeta Jeremias (Jer. 20:1).

Palácios de David

Durante muitos anos, os cétricos disseram que David era uma figura lendária, produzida pela imaginação dos autores bíblicos. Este ataque perdeu força após a descoberta de uma inscrição aramaica em Tel Dã, no Norte de Israel, que confirmou a existência de David e da sua descendência.

Os críticos, então, mudaram o argumento. Passaram a admitir que David existiu, mas que seria apenas um líder tribal nómada, nunca o rei do território unificado de Israel. O seu novo argumento tinha por base o facto de que em Jerusalém nunca se encontrou qualquer estrutura palaciana que permitisse qualificar a cidade como “capital” de um reino unificado. Também não se encontraram “palácios menores” no restante país, preparados para receber a eventual visita de um grande monarca.

Pois bem, os dois achados seguintes não são ainda conclusivos, mas têm uma alta probabilidade de serem dois palácios de David. O principal encontra-se em Jerusalém e outro, secundário,

UMA INSCRIÇÃO
ARAMAICA EM
TEL DÃ, NO
NORTE DE ISRAEL,
CONFIRMOU A
EXISTÊNCIA DE
DAVID E DA SUA
DESCENDÊNCIA.



Selo de Jucal.

[Fotografia: <http://marshallgenealogy.org/bible/archaeology.htm>]



Escavações em Khirbet Qeiyafa.



Jaros descobertos nas escavações de Khirbet Qeiyafa.

em Khirbet Qeiyafa, a provável Saaraim mencionada em I Samuel 17:52 e I Crônicas 4:31.

A Bíblia diz claramente que David tinha um palácio em Jerusalém. Hirão, rei de Tiro, ajudou na construção do edifício, que consumiu muito material importado (II Sam. 5:11). A questão é: onde ficava esse palácio?

Diz a Bíblia que, quando David temeu o ataque filisteu, ele “desceu para a fortaleza” (II Sam. 5:17). Ora, considerando que isto aconteceu em Jerusalém, o palácio, ou a fortaleza, deveria estar em algum lugar da parte baixa da cidade. Caso contrário, David não poderia ter “descido” para lá.

Munida desta informação, a arqueóloga Eilat Mazar procurou dar mais atenção a uma escavação inacabada de Kathleen Kenyon, no extremo sul da cidade. Além de a geografia local estar de acordo com o texto bíblico, uma estrutura maciça de pedra sugeria ter sido ali que se situava um palácio ou uma sede de governo.

No local é possível ver um muro de arrimo escalonado, grande de mais para uma casa comum. A data da sua construção coincide com a época de David (século X a.C.) e outros elementos confirmam ter sido ali uma sede de governo. O facto de o edifício não estar inteiro pode ser explicado pelo ataque dos Babilônios, que destruíram o templo e o palácio real.

Os arqueólogos encontraram ali impressões de selo que contêm os nomes de dois ministros de Zedequias (597-586 a.C.), ambos citados na Bíblia: Jucal, filho de Selemias, e Gedalias, filho de Pasur (Jer. 38:1). Eles fizeram parte da conspiração contra o profeta Jeremias.

O selo de Jucal foi encontrado próximo de uma grande cisterna dentro de um pátio interno do palácio. O local facilmente teria

servido de “prisão provisória”, dentro do palácio real, o que concorda com o estranho cárcere do profeta Jeremias (Jer. 32:2).

Em Jerusalém havia várias cisternas que eram abastecidas de água, mas por alguma razão elas começaram a ficar rotas no VI século a.C.. Por isso, aquela em que Jeremias foi preso tinha lama no fundo (Jer. 38:6). Agora, veja o que diz Neemias (3:25) sobre a reconstrução da cidade, após o retorno do cativo em Babilônia: “Palal, filho de Uzai, trabalhou em frente da esquina do muro e da torre que sai do palácio, perto do pátio da guarda.”

O texto é claro em dizer que o palácio superior, provavelmente a parte escavada por Mazar, não foi construído por Neemias, mas apenas restaurado por ele. Então alguma coisa sobreviveu ao ataque do exército babilônico. Ali seria o átrio, onde ficava o pátio da guarda. Logo, a presença de cisternas rotas na área está de acordo com o relato bíblico. Possivelmente, numa delas esteve encarcerado o profeta Jeremias.

Achados em Qeiyafa¹

À frente das escavações de Khirbet Qeiyafa estiveram o Dr. Yosef Garfinkel e professores da *Southern Adventist University*, do Tennessee. Ali foram encontradas miniaturas de santuários que dão uma ideia arquitetônica de como seria o templo de Salomão. Além disso, um pedaço de cerâmica com cinco linhas pouco legíveis, escritas em caracteres proto-hebraicos, pode ser a mais antiga inscrição da língua hebraica de que se tem notícia. A tradução é um tanto difícil, mas parece fazer alusão à eleição de um rei (talvez Saul) e à defesa do “estrangeiro”, da “viúva” e do “órfão” – uma tríade muito citada na Bíblia Sagrada.



Jarros descobertos nas escavações de Khirbet Qeiyafa.

Uma inscrição desta natureza tem ainda uma importância adicional. Muitos críticos negam que os Judeus tivessem desenvolvido a escrita antes do século VIII a.C.. Logo, não teriam meios para produzir os livros da Bíblia, que tradicionalmente datam de antes dessa época. O Pentateuco não teria sido escrito por Moisés; seria uma compilação de textos tardios, produzidos mais ou menos na época do cativo babilônico.

Esta descoberta, no entanto, ajuda a desmentir tal declaração. Em conjunto com outras inscrições, ela mostra que alguma espécie de escrita hebraica já estava estabelecida entre os Judeus por volta dos séculos XI e X a.C..

Ainda em Qeiyafa, os fragmentos de um jarro de 3000 anos foram recuperados e neles havia outra inscrição que trazia o nome de “Isbaal filho de Beda”. A inscrição data dos dias de Saul e David e, curiosamente, um dos filhos de Saul também se chamava Isbaal ou Isbosete (II Sam. 2:10). Ainda que não se trate da mesma pessoa, esse nome só ocorre na Bíblia no contexto do século X a.C., o que está plenamente de acordo com a cronologia do sítio.

A descoberta de uma fortaleza como esta, datada exatamente do período em que a Bíblia estabelece o reino de David, desmente a declaração dos críticos de que naquele tempo o território era ocupado somente por vilas simples, independentes e sem muralhas. As inscrições e a arquitetura local indicam a existência de um reino unificado e bem organizado, exatamente como declara o relato bíblico.

O selo de Ezequias

Outra impressão de selo em argila foi encontrada junto aos muros de Jerusalém, numa área que servia para descarte de dejetos nos

tempos da monarquia. Ao ser descoberta, essa impressão de selo foi inicialmente armazenada e catalogada, mas não decifrada. Somente agora, seis anos depois, uma inspeção minuciosa pôde detectar a sua verdadeira identidade.

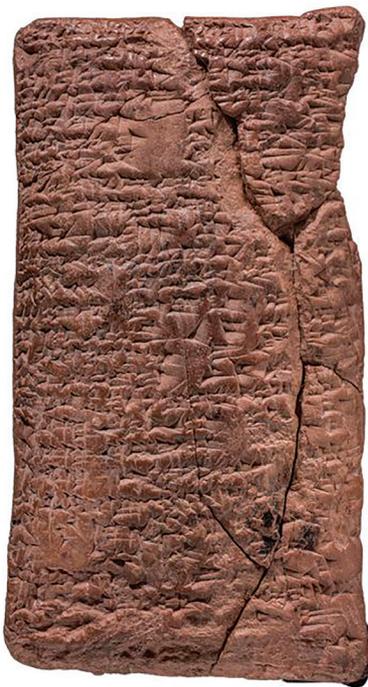
A impressão trazia o símbolo egípcio de um sol divino com duas asas e antigos caracteres hebraicos. Na parte de trás da impressão é possível ver os sinais da corda original usada para amarrar algum papiro ou pergaminho. Porém, o mais importante é a inscrição, que diz: “Pertencente a Ezequias (filho de) Acaz, rei de Judá.”

Ezequias, que foi contemporâneo do profeta Isaías, governou durante 29 anos (726-697 a.C.). A Bíblia descreve-o como administrador formidável, “de modo que não houve ninguém semelhante a ele, entre todos os reis de Judá, nem antes, nem depois dele” (II Reis 18:5). Ele dedicou-se a eliminar a idolatria no seu reino, mas, pelo que demonstra o selo, também teve momentos de fraqueza espiritual (II Cró. 32:25).

Nova versão do Dilúvio

A história da Arca de Noé é conhecida por todos. O que pouca gente sabe é que ela não é exclusivamente contada na Bíblia. Em 1872, George Smith traduziu um texto babilônico similar ao relato sobre o dilúvio bíblico. Com o tempo, outros textos apareceram, mostrando que a história era conhecida muito antes de Moisés.

Recentemente, outra tabuinha foi encontrada, datada de cerca de 1900 a.C.. Ela tem o tamanho de um telemóvel e tem algumas semelhanças com o relato bíblico. A principal diferença é que a arca descrita na tabuinha seria redonda e não retangular, como na Bíblia e nas versões sumerianas.



"Tabuinha" datada de cerca de 1900 a.C..
[Fotografia: <http://www.archaeology.org/>]



11 cavernas de Qumran.



Manuscritos do Mar Morto das caves de Qumran.

Sobre as semelhanças, a novidade é trazida por um raro símbolo cuneiforme, *sana*, que aparece na descrição dos animais a entrarem no barco. *Sana* ou *sanâ* aparece no dicionário de assírio da Universidade de Chicago como um advérbio, significando “dois de cada, de dois em dois”. Isto está de acordo com Gênesis 6:19 e 7:2 e ajuda a lançar luz sobre uma aparente contradição do texto bíblico.

Em Gênesis 6:19 Deus mandou Noé levar para a arca um casal de cada espécie. Mas na continuação, em Gênesis 7:2, o pedido mudou, sendo-lhe dito que levasse sete pares de casais puros e um de impuros. A expressão adverbial encontrada na tabuinha sugere que 6:19 não significa a quantidade de animais que deveria ser levada (apenas dois de cada), mas o modo como eles deveriam entrar, isto é, de par em par.

Novo texto, nova caverna

Um dos maiores achados do século XX foi, sem dúvida, as 11 cavernas de Qumran, que continham os famosos manuscritos do Mar Morto. Essa coleção continua a ser exaustivamente estudada, lançando considerável luz sobre o texto bíblico, além de confirmar a preservação textual das Escrituras hebraicas.

Há poucos meses, porém, uma 12ª gruta foi encontrada na região, mas infelizmente sem novos manuscritos. Apenas se encontraram vasos partidos e pedaços de tecido antigo. “Ao que tudo indica, a gruta foi saqueada no passado recente, talvez por Beduínos”, opina Oren Gutfeld, responsável pela nova escavação.

Entretanto, o achado não nos deve desanimar. A descoberta desta gruta cria a esperança de que novos manuscritos possam estar em algum lugar da região, à espe-

ra de serem encontrados. Aliás, um pouco antes da descoberta da nova gruta de Qumran, uma moderna tecnologia de análise computadorizada permitiu a leitura de um pergaminho com, pelo menos, 1500 anos que foi encontrado numa escavação arqueológica de 1970, na sinagoga de En Gedi, Israel.

O texto tinha sido queimado num incêndio e, por isso, era considerado indecifrável pelos especialistas. Contudo, o novo método permitiu reconstituir o conteúdo original por meio de um programa de computador. A análise revelou 35 linhas de um texto proveniente dos dois primeiros capítulos do livro de Levítico.

O manuscrito mostrou-se idêntico ao texto hebraico que temos hoje. A novidade é que a datação com carbono 14 revelou ter sido o manuscrito uma cópia feita por volta do século IV d.C., ou seja, 600 anos mais antigo do que o texto massorético, usado como base para as traduções modernas do Antigo Testamento. Assim, temos mais um elemento que confirma a legitimidade na transmissão do texto bíblico desde a Antiguidade até aos nossos dias.

De Jesus para os jornais

Pelo menos dois importantes achados relacionados com os dias de Jesus tornaram-se notícias recentemente. O primeiro foi a redescoberta de Magdala, a cidade que abrigou Maria Madalena.

Tudo começou em setembro de 2009, quando uma escavação arqueológica de resgate foi feita à pressa na região por causa da construção de um hotel. Este tipo de escavações é comum quando uma ruína é acidentalmente encontrada e o Departamento de Antiguidades de Israel dá aos arqueólogos um espaço de dias para salvar o que puderem

daquele lugar. Restos de cerâmica, moedas, tudo.

Mas, devido à importância do achado, os planos do hotel foram redesenhados e o sítio de Magdala preservado. Até hoje, continuam a ser feitas escavações no local e o mais importante achado foi, sem dúvida, a sinagoga da cidade, datada dos dias de Cristo.

No meio dela foi encontrada uma pedra muito decorada que, segundo a opinião de muitos, poderia ser um altar, uma mesa de orações ou, mais provavelmente, o púlpito da sinagoga, onde o rolo da *Torah* era aberto e lido todos os sábados. Considerando que Magdala é a primeira paragem obrigatória para quem vinha de Nazaré e que Jesus pregava nas sinagogas da região (Mat. 9:35), é altíssima a probabilidade de Ele ter usado esse púlpito para pregar aos habitantes da cidade.

Outro achado interessante relacionado com os dias de Cristo foi o de uma fábrica de utensílios em pedra de giz, uma espécie de calcário, encontrada em 'Einot Amitai, próximo de Nazaré, no Norte de Israel. Copos, pratos, jarros, vasos, tudo era fabricado ali, evidenciando a realidade material da tradição mencionada em João 2:6 sobre o milagre de Jesus em Caná e as seis talhas de pedra para a purificação dos Judeus.

O trabalho continua

Estes são apenas alguns exemplos de um trabalho que não para. Novas pesquisas prometem revelar coisas interessantes no futuro, como a recente descoberta de um cemitério em Asquelom pertencente aos antigos Filisteus. Ele certamente oferecerá pistas para a compreensão das origens desse povo – até hoje um mistério para a arqueologia bíblica.

O enorme depósito do Departamento de Antiguidades de Israel em Beth Shemesh já conserva mais de um milhão de objetos descobertos em escavações, e todos os anos recebe mais de 40 000 novos artefactos provenientes de 300 sítios que estão a ser escavados.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, através das Universidades de La Sierra, Andrews, Southern, UAB (Bolívia), Helderbeg College (África do Sul), AIIAS (Filipinas) e, em breve, do Unasp, também participa ativamente em escavações e pesquisas que confirmam uma certeza básica em relação à Bíblia Sagrada: o tempo não apaga a História! ✨

Rodrigo Silva

Teólogo e Arqueólogo.

Retirado da *Revista Adventista* brasileira de maio de 2017.

1. Escavações em Khirbet Qeiyafa: <http://qeiyafo.huji.ac.il/index.asp>.



Ruínas de Magdala, em Nazaré. [Fotografia: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:MAGDALA_SYNAGOGUE_B.jpg]



20 ANOS ... E UMA SÓ MENSAGEM : MARANATA!

José Cupertino
Ancião da IASD de Sacavém

Na década de 90 do século XX, alguns estudantes partiram dos seus países de origem para Portugal com o objetivo de completar os seus estudos, preparando-se assim para melhor servirem os seus países e se formarem como cidadãos do amanhã. Com eles veio também o desejo de servir Deus, dando eles o seu melhor para testemunharem de Jesus e do Seu Plano de Redenção. A vinda dos emigrantes para Portugal deu-se também por questões de saúde. Foi esta a circunstância do irmão Mário Cassoco, que se instalou com a sua família na igreja de Lisboa Central. Embora todos sirvamos ao Senhor, cada povo tem a sua forma peculiar de adorar Deus. Nós, Africanos, gostamos

de vibrar com vozes combinadas numa melodia atrativa e convidativa. Foi assim que alguns jovens, nomeadamente os irmãos João Pinto, Paulino Nascimento e Sapalo Nangolo, liderados pelo irmão Mário Cassoco, abordaram o então presidente da União, Pastor Joaquim Dias, e lhe comunicaram a sua intenção de procurarem um espaço para se reunirem e se organizarem como igreja. Estávamos então no ano de 1993. Durante esta procura de um espaço, souberam da predisposição do irmão Joaquim Neves para ceder a sua barraca, algures no Prior Velho. O número de membros começou a aumentar e, em 1995, conseguimos um espaço condigno e iniciámos o processo de organização. Em 1996, a igreja de Sacavém foi organizada com a presença do Presidente da UPASD, o Pastor Joaquim Dias, e do Tesoureiro da UPASD, o Pastor Paulo Mendes. Nesse mesmo ano, foram consagrados cinco diáconos: Paulino Nascimento, Manuel Maquengo, Jorge Madre de Deus, Joaquim Neves e

José Cupertino. Havendo a necessidade de termos um ancião, foi proposto e consagrado nesse ano o irmão José Cupertino. Uma vez que o número de membros ia crescendo, continuávamos à procura de um espaço maior. Comunicámos o problema à União e foi-nos sugerido, em 1998, que ocupássemos as antigas instalações da Publicadora Atlântico. Dois anos depois, tivemos de abandonar as referidas instalações e procurar outro espaço. Soubemos que a Câmara Municipal de Loures tinha um espaço ecuménico. Depois de contactos com as autoridades locais, foi-nos cedido esse espaço, que partilhávamos com outras confissões religiosas, até que, finalmente, conseguirmos o espaço atual.

Decorridos 20 anos, podemos dizer: "Até aqui nos ajudou o Senhor!" Não podemos deixar de mencionar o irmão Jerónimo, que nos acompanhou nos momentos difíceis da nossa trajetória, ao ponto de construir umas instalações no seu quintal, como alternativa temporária posta ao serviço da igreja de Sacavém. Ao evocarmos o vigésimo aniversário da igreja de Sacavém, o nosso coração transborda de alegria, pois, sob a atual liderança do Pastor Enoque Nunes e do Promotor Bíblico Eurico Vidro, a igreja tem tido um crescimento consistente (78

membros em 31 de dezembro de 2006, 100 membros no quarto trimestre de 2012 e 168 membros no quarto trimestre de 2016). Isto suscita em nós a visão de que esta comunidade Adventista deve continuar na Quinta do Mocho, o bairro onde está inserida. Este bairro é habitado por cerca de 3500 pessoas, a maioria oriunda de países africanos. Um terço dos moradores da Quinta do Mocho é de nacionalidade angolana, mas há também neste bairro moradores originários de São Tomé, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, e famílias provenientes da Europa de Leste. Nesta população constata-se a existência de um número significativo de indivíduos que, nos países de origem, tinham profissões especializadas. Segundo dados divulgados no site da Câmara de Loures, a população é maioritariamente jovem, pois cerca de 50 por cento tem menos de 29 anos, havendo uma camada alargada de estudantes universitários. É aqui que continuamos a sonhar com a construção do Centro Educacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Expressão Africana. Todos os leitores da *Revista Adventista* que se identificam com este projeto missionário e que desejam apadrinhá-lo no futuro, queiram, por favor, entrar em contacto com a IASD de Sacavém. ☞



BATISMOS EM SÃO MATEUS

Albino Vieira
IASD de São Mateus

Na tarde do sábado 12 de novembro de 2016, realizou-se uma cerimónia batismal na igreja de São Mateus. Nela entregaram-se ao Senhor dois novos irmãos e duas novas irmãs. A igreja de São Mateus

apresentou-se animada por um espírito de festa. A tribuna estava ornamentada com lindas flores. A diretora do Departamento de Música escolheu coros e solos que abrilhantaram os momentos

de louvor. Mas este batismo foi apenas o primeiro passo. Vamos continuar a fortalecer estes novos membros, dando continuidade a uma nova série de estudos e tendo-os sempre nas nossas orações. Louvamos o trabalho realizado pelo Espírito Santo no coração destes homens e destas mulheres. Salientamos também o trabalho da igreja, que revelou o seu amor no modo como os recebeu e os apoiou na sua caminhada espiritual. ☞



BATISMOS NA PÓVOA DE SANTA IRIA

Enoque Nunes
Pastor da IASD da Póvoa de Santa Iria

No dia 22 de abril, sábado à tarde, houve festa no Céu e

na igreja Adventista do Sétimo Dia da Póvoa de Santa Iria pelo batismo dos nossos amados jovens Rafael Filipe Almeida Siqueira e Débora Hiell Gomes. De personalidade alegre e comunicativa, sempre pronto a responder afirmativamente às solicitações para o serviço, o Rafael cresceu a aprender que Jesus é o Caminho, a Verdade e

a Vida e tem manifestado grande desejo de testemunhar sobre Ele. A Débora, mais tímida, mas de grande serenidade e doçura, atenta na aprendizagem, cresceu muito em Jesus, servindo o Senhor com o seu testemunho, fazendo com que outras almas se decidissem a dizer “sim!” a Jesus. A cerimónia teve lugar na igreja

Adventista do Sétimo Dia de Sacavém, que sempre nos tem recebido com muito amor e carinho, e foi dirigida pelo Pastor Enoque Nunes. Desejamos que a Débora e o Rafael possam continuar a ser instrumentos de Deus na Póvoa de Santa Iria e em Vialonga, levando a mensagem do amor de Deus àqueles que ainda não a conhecem. ✨



BATISMOS EM COIMBRA

Carlos Santos
Dep. Relações Públicas da IASD de Coimbra

A cerimónia batismal que decorreu na igreja de Coimbra no passado sábado, dia 22 de abril, tão cedo não se apagará da memória de boa parte da assistência presente

e, muito especialmente, dos seus diretos intervenientes, os irmãos António Margalho e Mário Faria. Cada vez que temos o prazer de assistir a este rito bíblico – conforme a indicação do Salvador glorificado (Marcos 16:16) e por Ele mesmo exemplificado nas águas do rio Jordão, em cumprimento das Escrituras – ressurge uma saudosa lembrança e uma forte emoção no coração dos

irmãos e das irmãs que um dia passaram por esta mesma sagrada experiência. As atividades da manhã deste santo dia do Senhor foram presididas e conduzidas pelo Pastor José Lagoa, que, na qualidade de Ministro de Culto da igreja de Coimbra, e depois de partilhar alguns textos bíblicos sobre o significado e a importância de tão solene cerimónia, teve ainda a seu cargo o exame dos candidatos, os quais, de forma convicta, deram testemunho perante a igreja ali reunida da sua aliança espiritual com Cristo, o Senhor da glória. Para lembrança futura, registamos como simples memorial o momento em que cada um dos irmãos

desceu às águas batismais, a saber: António Margalho às 11:47 e Mário Faria às 11:49. No final, as palavras que ambos dirigiram à igreja foram muito breves e muito simples, revelando uma serena alegria espiritual. A igreja de Coimbra confia que a santa e divina influência do Espírito Santo os há de aperfeiçoar e há de conduzir a sua vida até ao glorioso regresso do Salvador nas nuvens do Céu. Aos nossos irmãos expressamos aqui a nossa feliz satisfação pelos seus nomes ficarem, doravante, registados nos livros da igreja, e, principalmente, nos livros do Céu. Que Deus os abençoe e os guarde. Maranata! ✨



BATISMOS EM LAGOA

Luís Fonseca
Pastor da igreja ASD de Lagoa e Portimão

Fazendo do batismo o sinal de entrada no reino de Deus, Geni Sena, Jussara de Souza e Engrácia Guerreiro atenderam ao chamado de Cristo e foram

batizadas na igreja Adventista do Sétimo Dia de Lagoa. A cerimónia aconteceu no sábado, 20 de maio. Jussara foi recebida como membro na igreja de Lagoa. Geni e Engrácia foram recebidas como membros na igreja de Portimão. As três comprometeram-se a levar o Evangelho aos seus amigos e familiares. Os momentos especiais de louvor a Deus foram

da responsabilidade dos jovens da igreja e trouxeram inspiração a todos os presentes. Na ocasião foi feita uma oração especial em favor das pessoas que decidiram batizar-se em breve. “Ao se submeterem os Cristãos ao solene rito do batismo, Jesus regista o voto feito por eles de Lhe serem fiéis. Esse voto é o seu compromisso de aliança. Eles são batizados em

nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Acham-se assim unidos aos três grandes Poderes do Céu. Comprometem-se a renunciar ao mundo e a observar as leis do reino de Deus. Devem, portanto, andar em novidade de vida. Não mais devem eles seguir as tradições dos homens. Não mais devem seguir métodos desonestos. Cumprilhes obedecer aos estatutos do reino do Céu. Devem buscar a honra de Deus. Caso sejam fiéis ao seu voto, ser-lhes-ão proporcionados graça e poder que os habilitarão a cumprir toda a justiça. ‘Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que creem no seu nome.’” – Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 307. 🌿



O LIVRO AOS PÉS DE CRISTO CELEBRA 125 ANOS

ANN/RA

O livro *Aos Pés de Cristo* (*Steps to Christ*), escrito por Ellen G. White, celebra este ano os 125 anos da sua publicação original. Uma iniciativa intitulada “A leitura mundial de *Aos Pés de Cristo*” está a ser promovida pelo *White Estate* para encorajar os Adventistas do Sétimo Dia de todo o mun-

do a ler e a estudar a emblemática obra. Embora Ellen White tenha escrito muitos livros ao longo da sua vida, a obra *Aos Pés de Cristo* tem-se destacado como o seu livro mais traduzido, mais publicado e mais difundido. De facto, tendo sido publicado em 1892, *Aos Pés de Cristo* é considerado como

sendo um dos livros religiosos mais distribuídos de sempre. Como escreveu Tim Poirier, no seu artigo “A Century of Steps”, “o livro passou para o domínio público há já muitos anos, pelo que ninguém sabe exactamente quantas dezenas de milhões de exemplares foram postos a circular”. Até à data, *Aos Pés de Cristo* foi publicado em mais de 165 línguas, alcançando muitos milhões de pessoas ao redor do mundo. Como afirma Tim Poirier, “não sabemos quem foi que sugeriu a Ellen White a ideia de escrever este livro, mas uma coisa é certa: essa pessoa não tinha ideia de quantos milhões de homens e mulheres teriam o seu primeiro contacto com Cristo através desse pequeno volume”. 🌿



O IMPACTO DO PROJETO DO LIVRO MISSIONÁRIO NA AMÉRICA DO SUL

ANN/RA

Maio é conhecido como o mês do projeto *Impacto Esperança* entre os Adventistas do Sétimo Dia da

América do Sul. Este projeto já tem dez anos de existência. No dia 27 de maio de 2017, 2 milhões e 500 mil membros distribuíram mais de 20 milhões de exemplares do livro *Em Busca de Esperança*. Segundo Almir Marroni, Diretor dos Ministérios das Publicações da Conferência Geral, este ano, o livro missionário – escrito por Ellen White e traduzido em 40 línguas – deverá alcançar o total de 40 milhões de exemplares distribuídos

em todo o mundo. Metade destes livros foi já espalhada pelo Brasil, Argentina, Bolívia, Peru, Chile, Paraguai, Uruguai e Equador, que compõem o território da Divisão Sul-Americana. Durante a última década, cerca de 170 milhões de livros foram distribuídos nestes países.

No mundo digital, a expressão do projeto *Impacto Esperança* também é muito significativa. Segundo o Departamento das Estratégias Digitais da Divisão Sul-Americana, no *Twitter* 1771 *tweets* alcançaram mais de 1 milhão e 500 mil pessoas em Português. Em Espanhol, 26 652 *tweets* alcançaram 2 milhões e 600 mil pessoas, com 46 milhões de impressões. No *Instagram*, houve 994 publicações relacionadas com o tema e elas alcançaram um milhão de

pessoas em Português. O site oficial da iniciativa (www.esperanca.com.br), que é indicado no livro como um recurso para aqueles que estão interessados em descobrir mais, registou 18 000 visitas na semana imediatamente a seguir ao dia 27 de maio.

Erton Köhler, Presidente da Divisão Sul-Americana, tem uma ideia muito clara sobre o aspecto estratégico do projeto *Impacto Esperança*: “Este projeto trouxe-nos o conceito da distribuição de um belo livro. As pessoas que o recebem raramente o deitam fora. O projeto também mostra que a nossa Igreja se preocupa com a população ao ponto de oferecer algo de qualidade. E os membros da Igreja ficam felizes por poderem testemunhar, oferecendo este livro.”

Lisboa, Portugal

Setembro, 1-3
2017



ORADORES

LARRY EVANS

ADMI e Ministério das Necessidades Especiais da Conferência Geral

TAIDA RIVERO

Ministério dos Surdos em Espanha

CLÁUDIA DIAS

Ministério dos Surdos em Portugal

CORRADO COZZI

ADMI e Ministério das Necessidades Especiais da Divisão Inter-Europeia

2º Curso de Formação Internacional Adventista para Intérpretes LG



Serviço fiel

Frequentemente ouvimos a seguinte afirmação: “O evangelismo é difícil na América do Norte e na Europa e fácil em África”; ou então: “Em África é apenas necessário encher o batistério e as pessoas vêm a correr para serem batizadas.” Os 650 batismos que a equipa do *It Is Written* testemunhou em Gweru, no Zimbabué, no verão de 2016, aparentam confirmar estas declarações. No entanto, nada pode estar mais longe da verdade. As duas semanas que passei ao lado dos fiéis Pastores de Gweru permitiram-me ver o que acontece nos bastidores do evangelismo naquela parte do mundo.

O que descobri é totalmente espantoso. Primeiro, um Pastor no Zimbabué pastoreia entre 20 a 40 igrejas, para além de 30 a 50 grupos (num total de mais de 4000 membros). Por outras palavras, não é incomum um Pastor ser o líder de 60 congregações, podendo visitar cada uma delas cerca de três vezes no ano. Sendo assim, quem é que faz funcionar as igrejas? Como é que as igrejas crescem sem a assistência constante de um Pastor? E o que faz o Pastor, para além de pregar num

lugar diferente cada semana como pregador “convidado”?

As respostas a estas perguntas revelam o segredo do extraordinário trabalho de evangelismo que está a ser realizado em África. As igrejas são dirigidas pelos membros de igreja. Estes membros de igreja são cuidadosamente acompanhados pelo Pastor. Assim, sempre que o Pastor visita uma igreja, ele passa vários dias na área a visitar e a formar os líderes da igreja, mostrando-lhes como liderar adequadamente a igreja. Por sua vez, estes líderes da igreja visitam e formam os membros de igreja. Uma parte significativa desta formação envolve, claro está, o evangelismo e a melhor formação é aquela que é feita “com a mão na massa”.

O Pastor Tunhira, Pastor das igrejas onde eu realizei a minha campanha evangelística, convidou-me para ir com ele numa visita ao lar de um homem que estava a frequentar as nossas reuniões noturnas. Ele também convidou um dos membros de igreja que ele estava a formar. Essa visita abriu-me os olhos. O homem que visitámos tinha muitas perguntas – as mesmas perguntas a que eu tive de responder como Pastor nos Estados Unidos da América. A noção de que as pessoas nas outras partes do mundo aceitam tudo o que se prega sem colocar questões é falsa. Usando a Bíblia, o Pastor Tunhira respondeu habilmente a todas as questões, ao mesmo tempo que formava o seu membro de igreja no modo de lidar com perguntas e objeções.

Desta forma, o Pastor Tunhira tem formado centenas de membros de igreja sobre o modo de realizar estudos bíblicos, de pregar sermões evangelísticos, de acompanhar os contactos realizados e de conduzir classes batis-

mais. Já agora, convém dizer que estas classes batismais são intensas. Os candidatos ao batismo são minuciosamente ensinados acerca das crenças básicas da fé cristã Adventista, o que inclui uma ênfase na responsabilidade de estar envolvido em atividades missionárias. Qualquer pessoa que seja batizada sabe que não está apenas a ser mergulhada na água, mas está a empenhar-se num compromisso vitalício de se colocar ao serviço de Deus.

Os membros de igreja no Zimbabué levam muito a sério a parte do seu compromisso com Cristo que tem a ver com o serviço missionário. O seu envolvimento na missão não é apenas algo casual ou algo que eles fazem, se não estiverem muito ocupados com outra coisa. Não, a sua participação no evangelismo é para eles uma prioridade. Formados e equipados pelo seu Pastor, os membros partilham avidamente a fé em Jesus com todas as pessoas que encontram.

Noutro dos locais onde decorreram as nossas campanhas evangelísticas em Gweru, 35 membros de igreja decidiram acampar perto do local onde as reuniões se realizariam. Eles podiam ter ficado em casa ou ter-se deslocado todas as noites do seu lar para o lugar das reuniões, mas, em vez disso, decidiram acampar ali, de modo a poderem focar-se na campanha evangelística que ocorreria naquela área. Todos os dias eles percorriam uma média de 15 quilómetros pelas ruas do local, convidando as pessoas para estarem presentes nas reuniões evangelísticas, distribuindo literatura Adventista e, sempre que possível, apelando para que as pessoas aceitassem Jesus como seu Salvador.

Entre estes obreiros leigos estava um homem com 90 anos. Ele não podia andar, mas podia orar

QUALQUER
PESSOA QUE SEJA
BATIZADA SABE
QUE NÃO ESTÁ
APENAS A SER
MERGULHADA
NA ÁGUA,
MAS ESTÁ
A EMPENHAR-SE
NUM COMPROMISSO
VITALÍCIO
DE SE COLOCAR
AO SERVIÇO
DE DEUS.

poderosamente, e era isso que fazia enquanto os outros estavam envolvidos na missão. Durante a noite, ele conduzia uma classe batismal. O que estava o Pastor a fazer entretanto? Estava a verificar se os seus membros estavam a fazer aquilo que tinham sido formados para fazer – e eles estavam, de facto, a fazê-lo.

Os batismos em África são o resultado de serviço fiel, tal como nos Estados Unidos ou na Europa. No entanto, a diferença reside no facto de que há em África muito mais pessoas envolvidas no fiel serviço missionário e, assim, também há muito mais batismos.

Imagine por um momento qual seria o número possível de batismos no nosso país, se mais pessoas estivessem envolvidas em partilhar a sua fé em Jesus. Imagine! Eu fui ao Zimbabué para ensinar – no entanto, fui eu que acabei por aprender o segredo do evangelismo bem-sucedido. ✦

Yves Monnier
Diretor do Evangelismo do *It is Written*.



A mãe do filho pródigo

Por vezes, os factos levam algum tempo a ficarem registados na consciência. Foi esse o caso com a minha compreensão da parábola de Jesus sobre o filho pródigo. Dado que eu já estudo e leio a Palavra de Deus há mais de quarenta anos, eu tinha a certeza de que a compreendia bem. É verdade que via os elementos centrais da história, mas levou-me muitos anos para ver o que, ou melhor, quem, faltava. Apenas recentemente é que percebi que o nosso Salvador nunca mencionou a mãe daquela família.

Tantas perguntas

Esta ausência da mãe do filho pródigo poderá ser notada agora pela primeira vez por muitos estudantes atentos da Bíblia. Tal como eu, a maioria dos crentes na Bíblia, se não todos, nunca ouviu mencionar a ausência dela uma única vez, fosse num sermão ou num artigo consagrados a esta conhecida parábola.

As várias circunstâncias do egoísta filho mais novo e o amplo espectro de emoções

suscitadas pelos principais personagens da parábola ocorrem sem qualquer menção – ou reação – da parte da esposa e mãe. Onde estava ela? Talvez também ela tivesse deixado a família. Talvez estivesse morta. Não nos é dito.

Jesus certamente contou esta parábola porque ela ilustra muito bem o amor ansioso e o perdão pronto do nosso Pai Celestial revelados no Seu trato com os seus filhos rebeldes, mesmo depois de eles Lhe vira-

rem as costas deliberadamente e O abandonarem. Ela também revela o espírito contrário ao espírito de Cristo, que é tão frequentemente manifestado contra os errantes arrependidos que retornam ao lar por parte daqueles que ficaram na casa do seu pai.

Em lado algum a Bíblia ensina que Deus Pai é casado; não há uma rainha do Céu. Assim, não é referida uma mãe na parábola. As lições que Cristo ensinou nela são evidentes, bem fundamentadas e válidas. Mas, ao olharmos para outros textos das Escrituras, que falam das relações entre pais e filhos, podemos descobrir grandes verdades ao nos focarmos na figura que fica tão frequentemente nos bastidores, sem ser mencionada, mas que ainda assim é retratada noutras partes da narrativa bíblica: a mãe do filho pródigo.

Certamente, se a mãe tivesse estado ali, envolvida na situação, juntamente com o seu marido e

os seus filhos, ela teria partilhado a ansiedade e a saudade desesperada do pai, orando movida por um desejo fervoroso e carinhoso de que o seu filho voltasse para casa são e salvo. Como era a relação entre a mãe e o filho pródigo antes de ele ter deixado o lar? Era agradável e respeitosa, tumultuosa e plena de atrito ou uma mistura destas duas atitudes? Podemos colocar muitas perguntas, mas não há respostas evidentes em Lucas 15.

Metáforas bíblicas

No coração de uma mãe nasce um profundo e permanente amor pelo seu filho, especialmente se se trata de uma mãe cristã. O filho que ela concebe é parte de si durante toda a gravidez. Nos séculos em que ainda não havia biberão, as crianças eram amamentadas durante os anos da primeira infância. A compaixão de mãe é descrita pelo profeta Isaías: “Pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria, que se não compadeça dele, do filho do seu ventre?” E o profeta dá a resposta: “Mas, ainda que esta se esquecesse, eu, todavia, não me esquecerei de ti” (Isa. 49:15).

Quando está fundado em Cristo, o amor maternal flui de um modo tão amplo e tão profundo que o amor e o cuidado do Criador são explicados em termos de uma mulher que concebe e que dá à luz. “Ouvi-me, ó casa de Jacob, e todo o resíduo da casa de Israel; vós, a quem trouxe nos braços desde o ventre e levei desde a madre. E até à velhice eu serei o mesmo, e ainda até às cãs eu vos trarei: eu vos fiz, e eu vos levarei, e eu vos trarei, e vos guardarei” (Isa. 46:3 e 4).

O sábio disse: “o filho insensato é... amargura para quem o deu à luz” (Prov. 17:25).

Uma parábola de experiência pessoal

Eu posso identificar-me facilmente com estas provações, pois também eu sou mãe de um filho pródigo.

A desobediência do nosso filho e o seu desprezo pela Palavra de Deus trouxe uma profunda amargura e um grande desgosto à minha vida. Eu apresentei firmemente o meu primogénito perante o trono da graça, procurando misericórdia para a minha família e lutando com Deus para que Ele lhe poupasse a vida. Ele ora estava, ora não estava no nosso lar, tratando de fazer o que lhe apetecia, e envolvendo-se, contra o conselho dos seus pais, com más companhias. As suas circunstâncias eram semelhantes às do filho pródigo de Lucas 15. Por vezes, quando “o caminho em que deve andar” (veja Prov. 22:6) era lembrado e o levava a refletir, ele falava sobre as verdades bíblicas que conhecia tão bem. Ele admitia que a história do desorientado e egoísta filho pródigo era a sua história.

Como sua mãe, eu nem sempre ficava em silêncio. Muitas vezes eu discutia e debatia-me com o meu filho por causa das suas escolhas erradas. Eu interrogava-me sobre o que seria necessário para o fazer mudar de rumo. Para ajudarmos o nosso filho desencaminhado, o meu marido e eu fomos a lugares e lidámos com situações e autoridades com que nunca sonhámos.

O nosso filho pródigo chegou finalmente à sua “pocilga” quando lhe foi negada a aprovação final na mesma Faculdade em que a sua irmã mais nova estava prestes a graduar-se. Ele sabia que tudo se devia às suas más decisões. Por causa delas, foi impedido de receber uma educação

superior. Ele tinha tido as mesmas oportunidades da sua irmã. Simplesmente não tinha tirado partido delas, mas deixou-se desviar e enganar pelas suas práticas egoístas. Percebeu que não estava a ir a lugar algum ao deixar Deus fora da sua vida. Desde então, ele reatou a sua relação com Deus e deseja testemunhar junto de outros, especialmente junto dos jovens, para os alertar para que não sigam os mesmos caminhos pecaminosos.

Tanto o seu pai como eu constatámos grandes mudanças nele e a sua relação connosco melhorou substancialmente. Ele disse-me que está a pedir a Deus que opere nele e está a procurar obter um conhecimento mais profundo da Bíblia.

Assim, quero encorajar as mães e os pais de filhos desencaminhados. Deus é poderoso e está desejoso de salvar. Nunca parem de orar, nunca deixem de ter esperança e nunca deixem de testemunhar amorosamente junto do vosso filho. Nunca deixem de reclamar as promessas de Deus presentes na Sua Palavra. Eu agarrei-me a esta promessa: “Mas assim diz o Senhor: Por certo que os presos se tirarão ao valente, e a presa do tirano escapará; porque eu contenderei com os que contendem contigo, e os teus filhos eu remirei” (Isa. 49:25).

Eu nunca deixei de orar pelo meu filho pródigo. Eu jejei por ele e pela sua salvação. Com um coração alegre, cheio de gratidão pela graça de Deus, eu estou ao lado do pai de Lucas 15 com braços abertos, vendo o meu filho pródigo, ferido e magoado, fazer a sua viagem de volta à casa do seu Pai. ✨

Josephine Timms
Escritora *freelancer*.

Publicado originalmente na *Adventist Review* de maio de 2016.

Os ciclos económicos e a profecia

A CONVERGÊNCIA DE CICLOS PROFÉTICOS E ECONÓMICOS APONTA PARA O FIM DOS TEMPOS.

Onde estamos no cronograma profético? Será que alguém realmente sabe? Mesmo os estudantes dedicados da Bíblia e das profecias continuam a pesquisar. Existe uma lacuna na compreensão dos Adventistas sobre os eventos de 1844 e a promulgação das leis dominicais, dois marcos importantes no caminho para a Segunda Vinda de Cristo. No meio de todas estas perguntas, Deus não deseja que sejamos apanhados de surpresa (I Tes. 5:4). No entanto, a questão permanece: Como podemos saber que estamos a chegar ao fim dos tempos?

Há uma moldura concetual que nos pode ajudar a preencher a lacuna entre 1844 e os eventos finais. Um elemento no estudo dos acontecimentos proféticos que tem sido amplamente ignorado é a economia. O tema do dinheiro é frequentemente encontrado na Bíblia

e as finanças mundiais entrelaçam-se com a profecia, tanto no passado como no futuro. Com a política económica a dominar os processos de decisão da maioria dos governos de hoje, o seu impacto não pode ser esquecido na avaliação de eventos geopolíticos, da ação militar, da legis-

lação e até mesmo da religião. O dinheiro exerce uma influência real e direta na nossa vida.

Analisando o mundo das finanças, conseguimos ter uma melhor visão do ponto onde estamos no fluxo de eventos proféticos. Um estudo dos ciclos económicos pode ajudar-nos a relacionar os acontecimentos proféticos do passado, a turbulência financeira de hoje e os conflitos que estão para explodir. A convergência da economia e da profecia pode ajudar-nos a responder à pergunta: “Onde estamos no cronograma profético?” Este pode ser o fio para nos ajudar a unir muitas partes da nossa compreensão profética.

O ciclo de Kondratieff e 1844

Na década de 1920, um jovem economista russo chamado Nikolai Kondratieff estudou os ciclos eco-



nômicos de longo prazo. Enquanto o ciclo económico típico abrange três a cinco anos, incluindo crescimento, estagnação e recessão, Kondratieff observou que há ciclos económicos mais longos, que abrangem de 50 a 70 anos. Esses ciclos, tal como a versão mais curta, passam pelo crescimento, pela estagnação e pelo declínio, mas não são fenómenos regionais. São fenómenos de alcance global.

As componentes destes ciclos foram caracterizadas como estações. Primeiro, há a primavera económica e, depois, o verão, quando as economias do mundo crescem bem. Estas duas fases são seguidas por um período de estagnação, descrito como o outono económico. Finalmente, vem o inverno económico, que tipicamente inclui crises devido às dívidas, quebras do mercado de ações, depressões, guerras mundiais e mudanças de regime nos governos.

Em 1938, Kondratieff foi executado por Estaline pelo facto de as suas ideias serem opostas à teoria comunista. Após a sua morte, outros continuaram o trabalho de Kondratieff sobre estes ciclos económicos longos. Hoje, tais ciclos são designados “ciclos de Kondratieff” ou “ciclos longos”. O gráfico mostra os quatro ciclos económicos que ocorreram desde o final do século XVIII, indicando o ano em que cada um desses ciclos terminou e começou um outro.



Naturalmente, enquanto Adventistas, a nossa atenção é logo atraída para a data de 1844, que assinala um evento muito significativo no início do nosso movimento. O ano de 1844 representa o fim do primeiro ciclo pleno do século XIX. O período de cerca de 1837 a 1844 foi considerado um inverno económico. Houve profunda depressão, guerras e turbulência política. Uriah Smith, no seu livro sobre Daniel e Apocalipse, indicou que, em 1840, o regime otomano chegou ao fim, o que estava de acordo com a profecia.

Neste ambiente, William Miller começou a pregar que a Segunda Vinda de Jesus estava próxima. Podemos inferir que a triste condição do mundo, incluindo a turbulência financeira, abriu caminho para o sucesso de Miller. É claro que o poder do Espírito Santo era a verdadeira fonte do seu êxito, mas poderíamos dizer que as sementes tinham sido plantadas em solo fértil. As pessoas estavam mais recetivas às mensagens espirituais e a um apelo ao arrependimento. Assim, no fim da profecia das 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14, um dos ciclos longos de Kondratieff chegou ao seu termo.

A Revolução Francesa e a profecia dos 1200 dias

Vamos considerar o início do primeiro ciclo, em 1789. O maior evento que ocorreu naquele ano foi o começo da Revolução Francesa. Mais uma vez, esse evento foi precipitado pelas terríveis condições económicas da classe camponesa, que se revoltou contra a aristocracia. Como resultado da Revolução Francesa, o Papa Pio VI foi preso e exilado por Berthier, general de Napoleão. Na primavera deste ciclo deu-se o cumprimento de outra importante profecia cronológica: os 1260 dias de Daniel e de Apocalipse.

Em 1776, no ciclo anterior, durante o inverno económico que conduziu à Revolução Francesa, foi assinada a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América. “Nenhum imposto sem representação” foi o grito do povo norte-americano, que lutava sob a opressão financeira imperial britânica. O Exército Continental envolveu-se numa guerra com o exército britânico, a qual terminou com a assinatura do Tratado de Paris, em 1783. Assim, outra grande profecia – a ascensão da besta de dois chifres retratada em Apocalipse 13 – foi cumprida durante esse inverno económico. O fim de cada um destes ciclos económicos, associados a eventos históricos significativos, corresponderam ao cumprimento de grandes profecias. Vamos analisar o ciclo seguinte, para ver se este padrão persistiu.

O ciclo seguinte de Kondratieff terminou por volta de 1896, após uma longa e prolongada recessão económica de mais de 20 anos. No meio desse mal-estar económico, a Igreja teve a sua “experiência de 1888”. A pregação sobre a justificação pela fé deveria ser acompanhada pelo derramamento da chuva serôdia. Em *Mensagens Escolhidas* (vol. 1, p. 363), Ellen White declarou: “O alto clamor do terceiro anjo já começou.” Deus estava a atuar para capacitar a Sua Igreja, a fim de terminar a obra e possibilitar a Segunda Vinda de Cristo. Mas a Igreja não estava preparada para receber essa bênção especial.

O pânico de 1873

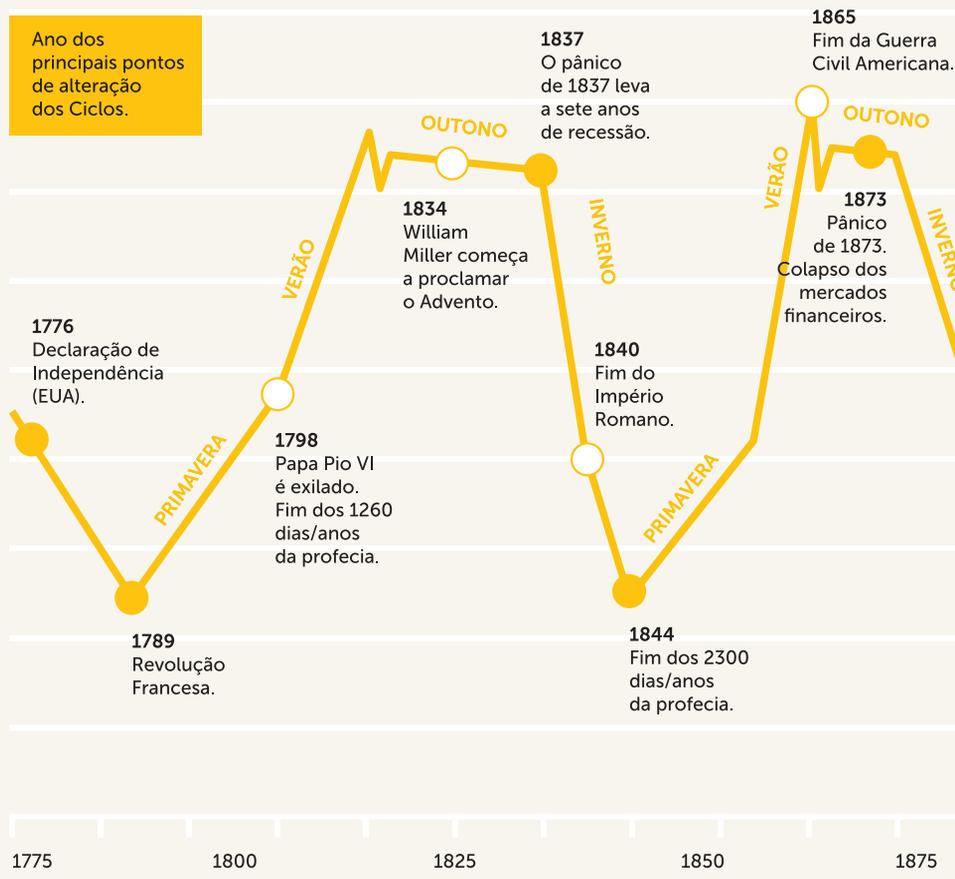
A análise dos eventos que deram início ao inverno de Kondratieff das décadas de 1870 a 1890 pode ser esclarecedora para os Adventistas de hoje. Esse ciclo começou com o pânico de 1873, um colapso dos mercados financeiros, que originou a “longa

depressão”. Esse período durou mais de cinco anos e é o mais longo registrado, superando a grande depressão da década de 1930. Mesmo depois de a depressão terminar, a nação entrou em recessão nos 10 anos seguintes.

No período pós-guerra civil americana, foi feito um tremendo esforço de reconstrução nacional. Uma das “novas tecnologias” promissoras foi a ferrovia. Pensava-se que o caminho-de-ferro poderia cruzar o país para ajudar a transportar pessoas e bens, promovendo o crescimento econômico. A oportunidade parecia atraente, levando muitos a investir fortemente na construção da rede ferroviária. Esperava-se que a ferrovia trouxesse prosperidade aos Estados Unidos. Porém, assim como o investimento em ações de empresas com base na Internet levou à crise de 2000, e a bolha imobiliária levou à grande crise financeira de 2008, a promessa de prosperidade desapareceu em 1873 quando a bolha explodiu, deixando um rasto de dívidas impagáveis e de sonhos desfeitos.

O pânico de 1873 começou quando *J. Cooke e Co.*, uma instituição bancária que investira muito na ferrovia, não conseguiu pagar a sua dívida e faliu. Isto desencadeou uma crise financeira, pois os depositantes, temendo perder o seu dinheiro, iniciaram uma corrida aos bancos para retirar os seus recursos. Os mercados de ações caíram e o sistema bancário ficou fechado durante dez dias. A situação foi semelhante à que ocorreu em 2008, quando o banco de investimento *Lehman Brothers* declarou falência. No entanto, ao contrário de hoje, no fim dos anos 1800 não havia nenhuma Reserva Federal dos Estados Unidos para socorrer as instituições financeiras. A recuperação foi lenta e dolorosa.

Ciclos de Kondratieff (1789-2020)

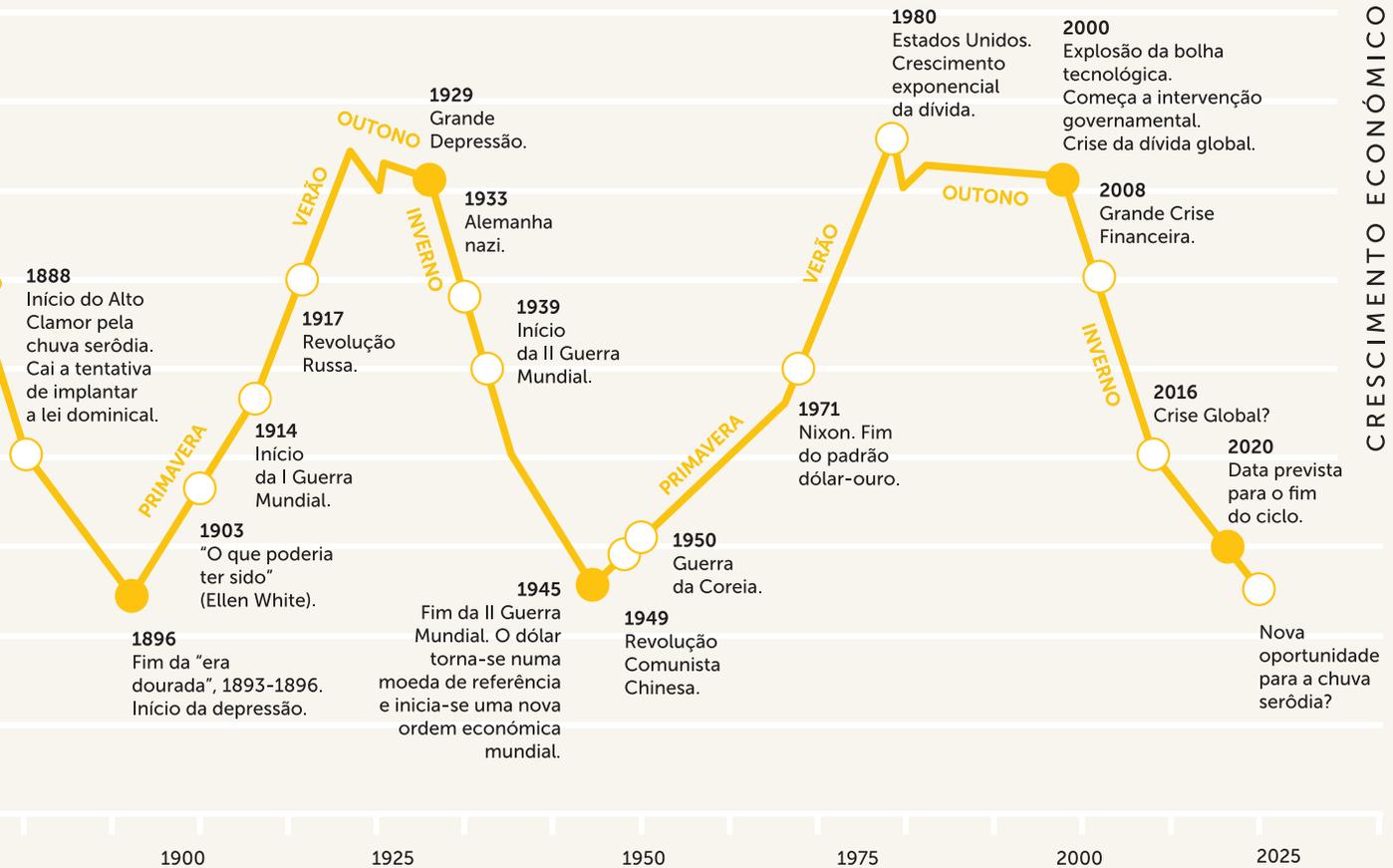


Ainda no ano de 1873, um grupo de mulheres reuniu-se, devido à sua preocupação com o declínio moral na América. Vícios como o consumo de bebidas alcoólicas, a prostituição e os jogos de azar, bem como outros crimes, aumentavam a olhos vistos. Assim, foi formada a União Feminina de Temperança Cristã, num esforço para devolver ao país os seus valores cristãos. Em 1876, elas procuraram obter o apoio de um jovem senador dos Estados Unidos, chamado William Blair. Este esforçou-se por fazer passar uma lei para fechar salões e bares. Teve algum sucesso, mas a moralidade da nação não melhorou.

Em 1888, Blair iniciou um novo projeto para lidar com a baixa condição espiritual da América.

Ele levou ao Senado um projeto de lei que propunha a instauração de um dia comum de adoração para todos os cidadãos. Uma “lei dominical” deveria determinar um dia para adoração. O Senador voltou-se para a União Feminina de Temperança Cristã, entre outros apoios, em busca de assinaturas que apoiassem uma petição para esse fim. Quinze milhões de assinaturas foram reunidas, ou seja, cerca de metade da população dos Estados Unidos da época!

Muitos Adventistas estão familiarizados com este evento. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, recentemente fundada, opôs-se a esse projeto de lei e enviou um dos seus Pastores, Alonzo T. Jones, para uma audiência no Senado. Ele



foi preparado especialmente por Deus para responder a esta emergência, pois o Senhor concedeu-lhe uma memória fotográfica e a capacidade de citar, de memória, passagens de manuais de Direito. Como premissa fundamental para os seus argumentos, ele usou o texto da Bíblia que diz: "Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" (Mat. 22:21), e foi bem-sucedido na sua batalha contra o projeto de lei dominical.

A ameaça da lei dominical declinou e o mesmo aconteceu com a oportunidade de a Igreja receber a bênção prometida do Espírito Santo. Na década seguinte, os reavivamentos foram recebidos com corações frios, orgulho, egoísmo, e o Espírito de Deus foi repetidamente

rejeitado. O segundo ciclo de Kondratieff do século XIX, concluído em 1896, manteve a promessa de outra profecia ser cumprida: o esperado regresso de Cristo. Mas a Igreja não estava pronta para receber a chuva serôdia e o ciclo findou sem a realização dessa esperança. Embora este ciclo tenha terminado numa oportunidade perdida, podemos aprender com a experiência da Igreja daquela época. Podemos reconhecer os padrões que ocorreram e compará-los com as condições de hoje.

O que poderia ter sido

Em 1903, Ellen White recebeu uma visão na qual observou a Igreja submissa ao poder do Espírito Santo e unida sob um espírito

de amor e de perdão. Infelizmente, era apenas uma visão do que poderia ter acontecido na Assembleia da Conferência Geral de 1901. Com tristeza, Ellen White escreveu o artigo "O que poderia ter sido", lamentando esta oportunidade perdida. Além disso, ela publicou vários artigos na *Review and Herald*, recordando o fracasso de Israel em entrar na Terra Prometida. O seu sentimento foi o de que parecia ser tarde de mais para o Senhor voltar nessa época.

Ao examinarmos o ciclo seguinte de Kondratieff, começado em 1896 e terminado em 1945, podemos ver as razões da tristeza de Ellen White. Durante esse ciclo, o Planeta foi testemunha de um terrível derramamento de sangue, dife-

rente de tudo o que tinha ocorrido no passado. A I Guerra Mundial, a Revolução Russa, a II Guerra Mundial, o Holocausto, a bomba atômica lançada sobre o Japão, a Revolução Chinesa, a Guerra da Coreia e muitos outros conflitos marcaram esta era. Grande parte da população mundial ficou trancada atrás de fronteiras hostis ao Cristianismo. A perda de vidas foi insuportável e as guerras e tensões internacionais também criaram um ambiente hostil à difusão do Evangelho. Talvez essa fosse a razão para a grande tristeza revelada no artigo “O que poderia ter sido”. Enquanto os três longos ciclos anteriores terminaram com grandes eventos proféticos, este ciclo terminou em 1945, sem a oportunidade de se finalizar a pregação do Evangelho.

O inverno de Kondratieff

Isto conduz-nos ao ciclo atual. O fim da II Guerra Mundial deu início a uma era de prosperidade sem precedentes. Enquanto o Plano Marshall ajudou a reconstruir as economias europeias destruídas pela guerra, os Estados Unidos retiraram benefícios do seu dinamismo económico. A primavera e o verão de Kondratieff floresceram durante 30 anos, dando à luz a classe média burguesa americana. Porém, enquanto os Estados Unidos desfrutavam da riqueza durante os governos de Reagan e Clinton, o ciclo de Kondratieff evoluiu silenciosamente para o outono. As economias começaram a estagnar. O nível da dívida teve um crescimento acentuado. No ano 2000, o estouro da bolha tecnológica inaugurou um novo inverno de Kondratieff e ainda estamos a experimentar os seus efeitos hoje.

As previsões para o fim deste ciclo apontam para o ano 2020. Se este padrão for mantido, as condições do mundo declinarão rapida-

mente. Podemos ver muitas ameaças e muitos desafios convergentes hoje, fazendo com que a previsão pareça bastante plausível. As tensões políticas estão a aumentar em várias partes do mundo. As notícias estão cheias de histórias de terrorismo e da crise dos refugiados. Os mercados de ações também podem ter uma forte instabilidade. Mas, desta vez, os bancos centrais não têm recursos para socorrer as empresas. Os estágios finais de um severo inverno de Kondratieff parecem estar sobre nós.

Os trabalhadores são poucos

No entanto, o ponto crítico para os Adventistas, hoje, não é que estamos num inverno de Kondratieff, mas sim que a História nos mostra que esses invernos económicos são realmente tempos de colheita para Deus. É o momento em que as pessoas estão prontas para ouvir uma mensagem de esperança, sensíveis à compaixão e à graça. É o tempo em que a colheita é abundante. Poderia este “inverno” ser uma oportunidade para terminarmos a grande comissão que nos foi dada por Jesus? O próprio Cristo lamentou o facto de a seara ser grande, mas serem poucos os trabalhadores (Mat. 9:37). Infelizmente, parece que isto não mudou. A Igreja Cristã encontra-se em estado de mornidão e de indiferença. Ela desconhece a sua verdadeira condição e não percebe os eventos que se passam ao seu redor. Não tem muita motivação para aproveitar as oportunidades.

Assim, a colheita amadurece e Deus espera pacientemente que o Seu povo se mobilize para recolher o fruto das sementes plantadas há dois mil anos por um preço tão elevado. O que Deus deve fazer, à medida que o tempo se torna curto? Será que Ele simplesmente espera que os trabalhadores

se levantem? Vai esperar pacientemente à porta e bater até que ouçamos a Sua voz? Ou será que as batidas se tornarão mais insistentes e intensas para despertar os Seus trabalhadores que estão atrás dessa porta? “Eu repreendo e disciplino a quantos amo”, diz Jesus a Laodiceia (Apoc. 3:19). As evidências do registo histórico sugerem que a repreensão e o castigo de Deus muitas vezes assumem a forma de uma crise financeira.

Ao considerarmos as evidências dos ciclos económicos de Kondratieff e da história profética que os Adventistas conhecem muito bem, vemos como somos afortunados e como é grande a responsabilidade que está diante de nós. Não devemos usar a ideia dos ciclos económicos para marcar datas e especular sobre o regresso de Jesus, mas podemos usar os acontecimentos para motivar um despertar.

O apóstolo Paulo escreveu: “Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos escreva; pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite. Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse dia como ladrão vos apanhe de surpresa; porquanto vós todos sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas. Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiem e sejamos sóbrios” (I Tes. 5:1-6).

Você consegue ler os sinais ao seu redor? ✨

Timothy Aka

Tesoureiro-Associado da Conferência Geral.

Retirado da *Revista Adventista* brasileira de abril de 2017.

Há já alguns anos, na primavera, um grupo de médicos da minha comunidade patrocinou a realização de um seminário. A questão central da sessão foi: “Que diferença faz a ressurreição na sua prática da medicina?” Eu ouvi com interesse as respostas que foram apresentadas. Embora as várias respostas tenham testado a minha fé e a minha reflexão, o maior benefício para mim adveio do exame que fiz ao meu coração. Eu comecei por perguntar: “Que diferença faz a ressurreição *para mim?*”

Esperança para um Planeta desesperado

Descobri instantaneamente a resposta mais importante: a ressurreição transforma cada funeral em que eu venha a estar presente. Ela transforma cada sermão fúnebre que eu venha a pregar. Ela faz brilhar a esperança no meu coração quando choro junto da sepultura do meu pai. Ela oferece um eterno nascer do Sol àqueles a quem, de outra forma, o pôr do Sol da vida traria a noite eterna. Ela gera a esperança no que, de outra forma, seria um Planeta desesperado.

O fedor da traição, o aroma do perdão

A situação é a que Paulo referiu aos crentes em Corinto: “E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. ... Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens” (I Cor. 15:14, 19).

Mas a ressurreição é como o nascer do Sol: dando-lhe tempo, ela ilumina todos os cantos escuros da nossa vida. Assim, embora o significado central da ressurreição seja que *Cristo ressurgiu e nós também seremos ressurretos*, ela, do mesmo modo, ilumina e cura outros lados negros da nossa alma.

É por isso que, nos anos seguintes àquele seminário de médicos, quando se aproxima a primavera e amanhece a Páscoa, eu continuo a perguntar: “Que diferença faz a ressurreição *para mim*?”

Uma história simples e profunda

Concluí que, para além da promessa de uma vida futura, uma das mais permanentes e ternas respostas é aquela que une a minha alma à alma do apóstolo Pedro; e essa resposta é dada no Evangelho de João.

O Evangelho de João é enganadoramente profundo. Uma criança pode lê-lo e entendê-lo, no entanto um adulto nunca será capaz de

sondar as suas profundezas no seu tempo de vida. Para além de outros modos, esta realidade pode ser notada na linguagem de dois níveis que João usa. A sua escrita tem frequentemente um significado superficial e literal, ao mesmo tempo que contém um sentido secundário e mais profundo, um significado que é apenas descortinado através da ação do Espírito Santo e de um estudo reflexivo.

Um exemplo disto encontra-se em João 13, onde Jesus confronta Judas com o Seu conhecimento do facto de que Judas em breve O trairá. Para confirmar aquilo que acabou de dizer, Jesus molha um pedaço de pão na taça e dá-o a Judas. Há uma breve interação, durante a qual Judas aparentemente decide avançar com o seu plano. Nesse momento ele deixa a mesa e sai para a noite. João regista o momento com estas palavras: “E, tendo Judas tomado o bocado, saiu logo. E era já noite” (João 13:30).

“Era já noite.” É uma simples declaração sobre o tempo em que o incidente ocorreu. *Ou não é?* Considere a perspectiva de Ellen White sobre este facto: “Surpreendido e confuso ao ser exposta a sua intenção, Judas ergueu-se, apressado, para deixar a sala. ‘Disse pois Jesus: O que fazes, fá-lo depressa.

... E tendo Judas tomado o bocado, saiu logo. E era já noite.’ *Fez-se noite para o traidor quando saiu da presença de Jesus para as trevas exteriores.* Até dar este passo, Judas não passara para além da possibilidade de arrependimento. Mas quando saiu da presença do seu Senhor e dos seus condiscípulos, tomou a decisão final. Ultrapassou os limites.”¹

João capta a essência da condição espiritual de Judas em cinco palavras em português, e em três palavras em grego. É um exemplo tanto da simplicidade, como da profundidade do Evangelho de João. Há muitos exemplos como este no seu Evangelho, exemplos que nos alertam para o facto de que a linguagem e as metáforas que João usa têm um sentido que está para além do nível superficial.

Um fogo de carvão

Tendo isto em mente, regresso à questão: “Que diferença faz a ressurreição *para mim*?” Um dos significados-chave que ela tem reside no facto de que ela sublinha a verdade de que Deus perdoa, e de que Deus perdoa mesmo o maior dos pecados.

Pense nisto: A palavra grega *anthrakia*, traduzida com precisão como “fogo de carvão”, aparece apenas duas vezes em toda a Bíblia, e

essas duas vezes encontram-se no Evangelho de João. A sua primeira aparição é em João 18:18. Jesus, tendo sido preso, é levado a Anás, o sumo-sacerdote. Os discípulos dispersaram-se, embora João e Pedro tenham seguido Jesus à distância. Dado que os servos de Anás conhecem João, ele é autorizado a entrar, e dado que João conhece Pedro, Pedro também é autorizado a entrar. Pedro entra e imediatamente se mistura com a multidão ali reunida.

Mas os olhos de uma jovem serva caem sobre Pedro. Ela olha para ele fixamente, totalmente convencida de que o conhece. Finalmente, ela fala: “Não és tu, também, dos discípulos deste homem?” (João 18:17.) Pedro responde: “Não sou” (João 18:17).

Depois João escreve: “Ora estavam ali os servos e os criados, que tinham feito brasas e se aqueciam, porque fazia frio; e com eles estava Pedro, aquecendo-se, também” (João 18:18). Mais à frente, João escreve: “E Simão Pedro estava ali, e aquecia-se” (João 18:25). Enquanto ali permanece, Pedro é interrogado, primeiro por um dos que estão junto a ele, depois por um dos servos do sumo-sacerdote,

sendo-lhe perguntado se ele é ou não um seguidor de Jesus e se eles o viram ou não no jardim com Jesus.

A cada uma destas perguntas Pedro responde com um firme “Não”. Depois da terceira negação, João – na sua forma típica de apresentar um duplo sentido – escreve simplesmente: “E logo o galo cantou” (João 18:27).

O cheiro de fumo

Na última vez que o Leitor se aqueceu junto de um fogo ao ar livre, certamente foi recordado de que o cheiro do fumo rapidamente se pega às roupas. Isto teria certamente sido verdade para Pedro. O fedor do fumo daquele fogo de carvão agarrou-se a ele durante todo aquele fim de semana, lembrando-o da sua devastadora negação do seu Senhor. Esse deve ter sido o mais longo e mais amargo fim de semana da vida de Pedro.

No mundo do seu tempo, permanecer junto de um fogo era um evento quotidiano, quer fosse para cozinhar, quer fosse para se aquecer. Assim, Pedro teve de enfrentar um futuro cheio de lembretes profundos, persistentes e dolorosos do modo como traíra Jesus. Todas as vezes que ele ina-

lasse o fumo de um fogo de carvão, o fedor da traição chamuscaria a sua alma.

Não é isso que se passa com cada um de nós? Um lugar, uma canção, um evento, um aroma, e logo as memórias regressam em catadupa, memórias que nos recordam de um falhanço e que nos cortam até à medula. Por mais que tentemos evitá-los, os fogos de carvão frequentemente queimam a paisagem da nossa vida, cauterizando a nossa alma com os lembretes das nossas falhas.

Tal era agora a realidade da vida de Pedro. “As coisas não podiam ser fáceis para Pedro. A história da sua negação em breve se espalharia, pois as pessoas adoram ouvir uma história maliciosa. Pode até ser verdade, como diz a lenda, que as pessoas imitavam o cantar de um galo quando ele passava por elas.”² Assim, Pedro iria agora entrar a cambalear num futuro fraturado.

Isto seria assim, se não fosse uma coisa.

Outro lugar, outro fogo

A palavra *anthrakia* aparece uma segunda vez no Evangelho de João. Sabendo-se como João escreve, isto não é um acidente. Ela apare-



ce de novo na descrição dos dias após a ressurreição de Jesus. João 21 conta-nos a história de uma das aparições finais de Jesus aos Seus discípulos. Sete dos discípulos – incluindo Pedro – reuniram-se no Mar da Galileia. Pedro disse. “Vou pescar.” E eles juntaram-se-lhe.

Trabalharam toda a noite, mas “naquela noite nada apanharam” (João 21:3).

No início da manhã seguinte, um Estranho apareceu na praia. “Filhos, tendes alguma coisa de comer?” (João 21:5.) Eles responderam negativamente, pelo que Ele diz-lhes para lançarem a rede para o outro lado do barco. Eles fazem-no e a pescaria é tão abundante que quase não a conseguem trazer para a praia.

Espantado com a magnitude do evento, João declara a Pedro: “É o Senhor” (João 21:7).

Emocionado pelo facto de que Jesus Se encontra perto, o impulsivo Pedro mergulha na água e nada até à praia. Os outros discípulos seguem no barco em direção a terra, onde Pedro os ajuda a escolher e a contar os peixes. Neste momento, Jesus convida-os a partilharem o pequeno-almoço que Ele preparou.

Lembre-se do pano de fundo deste texto: A última vez que Pedro esteve assim tão perto de Jesus, ele estava a sufocar por causa do fedor do fumo da traição. O tempo que entretanto passou foi horrendo. E agora ele está novamente na presença de Jesus.

Será que a sua respiração está ofegante? Será que ele desvia os seus olhos, recusando cruzar-se com o olhar de Jesus por medo do que poderá ver nele? Será que ele se lança na areia aos pés de Jesus, chorando convulsivamente e implorando perdão?

Seja o que for que Pedro tenha feito, *ele* não é o foco onde João se

fixa. Em vez disso, João vira o seu olhar para *Jesus* e diz-nos o que Jesus fez durante este encontro. Jesus acendeu uma fogueira e prepara o pequeno-almoço dos discípulos. “Logo que desceram para terra, viram ali brasas [*anthrakia*], e um peixe posto em cima, e pão” (João 21:9).

Outro fogo de carvão. Mais uma vez, Pedro tem fumo nos olhos. Mais uma vez ele irá ter de enfrentar três perguntas. E, mais uma vez, as perguntas focar-se-ão no seu relacionamento com Jesus. Será que as memórias da pior noite da sua vida lhe vieram rapidamente à mente? Será que as lágrimas lhe queimaram os olhos e lhe escorreram pela barba? Será que ele foi dominado pela tristeza e pela culpa? O texto de João não menciona nada disto.

Aquilo que ele, *de facto*, nos diz é o que Jesus lhe perguntou: “Pedro, amas-me?” Uma vez. Duas vezes. Três vezes. E a cada vez a essência da resposta de Pedro é “Senhor, *tu sabes* que eu te amo.” Será que consegue ouvir o tom suplicante na voz de Pedro, pedindo a Jesus que acredite que o seu amor por Ele é real, *apesar* do seu falhanço?

No entanto, Pedro não precisa de suplicar, pois Jesus está a dar-lhe um sinal visível e tangível de perdão imerecido. Por cada vez que Pedro responde, Jesus reafirma o Seu chamado feito a Pedro. “Apascenta os meus cordeiros”; “Apascenta as minhas ovelhas”; “Apascenta as minhas ovelhas”, (João 21:5-7).

Por outras palavras, Jesus está a *reintegrar* Pedro no ministério; Ele está a *reafirmar* o Seu amor por Pedro; Ele está a *perdoar* o ato de negação de Pedro. E está a fazer tudo isso junto de um fogo de carvão!

Pedro irá, mais uma vez, sair de um encontro importante a cheirar

a fumo! Mas, em vez do fedor da traição, as suas roupas irão ter o cheiro do aroma do perdão. Desta vez ele provará o perdão de um Deus que lança todos os nossos pecados no ponto mais profundo do mar; que separa os nossos pecados de nós como estão separados o oriente do ocidente; e que transforma os nossos pecados escarlates nas vestes alvas de neve da Sua justiça (veja Miq. 7:19; Sal. 103:12; Isa. 1:18).

O aroma de um fogo diferente

Todos nós temos fogos de carvão em que, de algum modo, negámos Jesus, e dos quais nos afastámos impregnados com o fedor da traição. Eu não sei onde se terá passado a sua experiência com o fogo de carvão.

Ele pode ter estado aceso quando você se sentou à mesa de um restaurante com amigos. O nome de um amigo ausente surgiu na vossa conversa. Um *amigo!* No entanto, enquanto falavam à mesa, foram ditas coisas – *muitas* coisas – que destruíram a reputação do seu amigo. E você esteve presente, participou na conversa e nada disse. Apenas tentou fazer parte do grupo, enquanto o nome e a reputação do seu amigo eram destroçados. E mal pôde respirar devido ao fedor que se sentia no ar.

Ou pode ter cheirado esse fedor numa sala de aula. O exame foi mais difícil do que estava à espera. Você preparou-se, mas não estava preparado para *isto*. Então a sua colega de turma moveu casualmente o braço e você pôde ver claramente a folha de teste dela. Ninguém notou. Mas quando copiou as respostas dela, imediatamente se interrogou se mais alguém tinha notado aquele fedor no ar. Foi apenas você que o sentiu?

Ou talvez o fogo de carvão

tenha ardido numa recepção de Hotel – onde você se registou com aquela colega do trabalho. “Sr. e Sra.”, disse você. “*Sr. e Sra.*!” E logo que essas palavras saíram dos seus lábios, sentiu aquele cheiro no ar. Era um cheiro acre. Sufocante. Um cheiro que não consegue esquecer.

Todos nós temos as nossas experiências com fogos de carvão. O fumo entra-nos nos olhos e o fedor permanece na nossa alma. Somos nós os únicos que o cheiramos? O fumo torna impossível ver Deus e o fedor sufoca-nos, ao ponto de não conseguirmos respirar o ar do Céu.

Mas depois chegam as boas-novas: Cristo ressuscitou! *Ele ressuscitou, de facto!* E por causa da ressurreição podemos aquecer-nos no fumo de um outro fogo de carvão! Jesus fez esse fogo com a madeira de uma velha e rude cruz. E ele emite um fumo adoçado com o aroma do perdão. Se nos reunirmos perto das suas chamas, a nossa vida será impregnada com a sua fragrância, e o nosso coração será renovado com o seu perdão.

Agora, todos os anos eu coloco-me esta pergunta: “O que significa a ressurreição *para mim?*” A resposta continua a enriquecer a minha jornada com Jesus. Estou a colocar-me a mesma pergunta este ano – e convido-o a juntar-se a mim. Venha comigo para junto de um fogo de carvão aceso por Jesus!

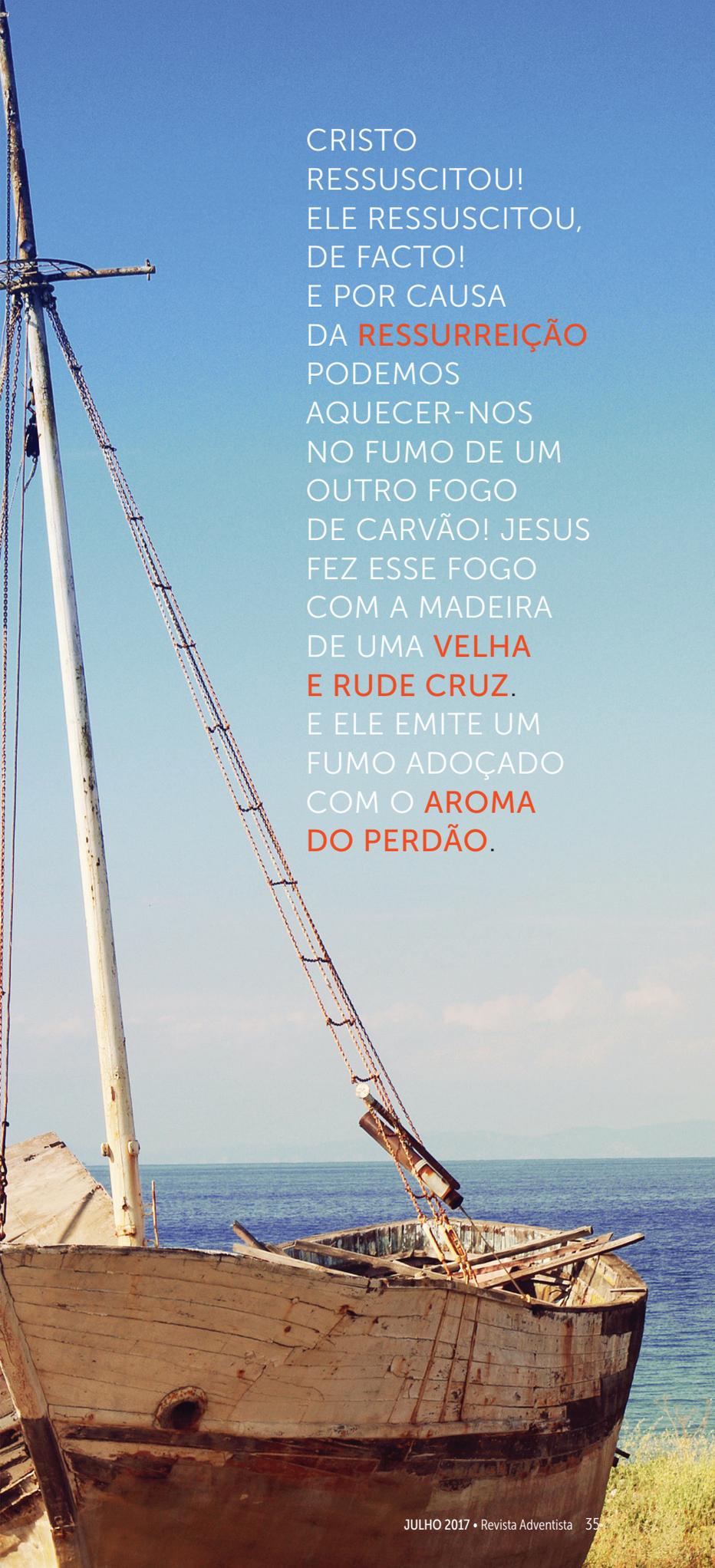
Ele tem uma mensagem para si! 

Randy Roberts
Teólogo.

Retirado da *Adventist Review*
de 17 de abril de 2014.

1. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 561, ed. P. SerVir (ênfase acrescentada).

2. William Barclay, *The New Daily Study Bible Series: The Gospel of John*, rev. ed., Philadelphia. The Westminster Press, 1975, vol. 2, pp. 230 e 231.



CRISTO
RESSUSCITOU!
ELE RESSUSCITOU,
DE FACTO!
E POR CAUSA
DA **RESSURREIÇÃO**
PODEMOS
AQUECER-NOS
NO FUMO DE UM
OUTRO FOGO
DE CARVÃO! JESUS
FEZ ESSE FOGO
COM A MADEIRA
DE UMA **VELHA**
E RUDE CRUZ.
E ELE EMITE UM
FUMO ADOÇADO
COM O **AROMA**
DO PERDÃO.

LANÇAMENTO



COLEÇÃO
Folhas de Outono

O Desejado de Todas as Nações

Ellen G. White.



LIGUE
21 962 62 00

LIVRARIA DA
SUA IGREJA

WWW.PUBLICADORA-SERVIR.PT

ACOMPANHE ESTA E OUTRAS NOVIDADES ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

twitter.com/PSerVir

facebook.com/PSerVir